



UNIVERSIDADE DO PLANALTO CATARINENSE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM AMBIENTE E SAÚDE

VIVIANE MILBRADT BASTOS

SOCIALIZAÇÃO DE ADOLESCENTES DURANTE A PANDEMIA COVID-19 NO
AMBIENTE ESCOLAR

LAGES

2023

VIVIANE MILBRADT BASTOS

SOCIALIZAÇÃO DE ADOLESCENTES DURANTE A PANDEMIA COVID-19 NO
AMBIENTE ESCOLAR

Dissertação apresentada para obtenção do título de
Mestre no Programa de Pós-Graduação em
Ambiente e Saúde da Universidade do Planalto
Catarinense - UNIPLAC.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Boff

Coorientadora: Prof.^a Dra. Ana Emília Siegloch

LAGES

2023

Ficha Catalográfica

B327s Bastos, Viviane Milbradt
Socialização de adolescentes durante a pandemia COVID-19 no ambiente escolar / Viviane Milbradt Bastos ; orientador Prof. Dr. Pedro Boff ; coorientadora Prof. Dra. Ana Emília Siegloch. – 2023.
93 f. il. color. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado) - Universidade do Planalto Catarinense. Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Saúde da Universidade do Planalto Catarinense. Lages, SC, 2023.

1. Adolescente - Socialização. 2. Pandemia COVID-19. 3. Ambiente escolar. 4. Desenvolvimento humano. I. Boff, Pedro (orientador). II. Siegloch, Ana Emília (coorientadora). III. Universidade do Planalto Catarinense. Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Saúde. IV. Título.

CDD 610

Catálogo na fonte – Biblioteca Central

Viviane Milbradt Bastos

**SOCIALIZAÇÃO DE ADOLESCENTES DURANTE A PANDEMIA COVID-19 NO
AMBIENTE ESCOLAR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ambiente e Saúde da Universidade do Planalto Catarinense, para obtenção do título de Mestre em Ambiente e Saúde.

Aprovada em 03 abril de 2023.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Pedro Boff

(Orientador e Presidente da Banca Examinadora – PPGAS/UNIPLAC)

Profa. Dra. Ana Emilia Siegloch

(Coorientadora - PPGAS/UNIPLAC)

Profa. Dra. Loren Aita Riss

(Examinadora Titular Externa - FISMA/RS)

Participação não presencial – Resolução 432/2020

Profa. Dra. Lilia Aparecida Kanan

(Examinadora Titular Interna - PGAS/UNIPLAC)

DECLARAÇÃO DE ORIGINALIDADE

Declaro que os dados apresentados nesta versão da Dissertação para o Exame de Defesa de Dissertação são decorrentes de pesquisa própria e de revisão bibliográfica referenciada segundo normas científicas.

Lages, 03 de abril de 2023.

 Documento assinado digitalmente
VIVIANE MILBRADT BASTOS
Data: 13/05/2023 11:27:48-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Viviane Milbradt Bastos

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela vida, saúde e persistência nos momentos desafiadores.

Agradeço o meu filho pela compreensão e amor incondicional.

Agradeço o meu esposo pelo apoio e incentivo indispensável para a realização do mestrado, acolhendo o nosso filho nos momentos em que estive ausente.

Agradeço a minha família por todo o carinho e conforto ofertado.

Agradeço todos os professores do PPGAS pela ampliação de horizontes com a perspectiva interdisciplinar, em especial meu orientador Dr. Pedro e minha e co-orientadora Dra. Ana Emília por terem me honrado com os seus saberes e por toda a dedicação incansável em prol do meu desempenho neste estudo, sempre preocupados com o meu bem-estar.

Agradeço aos ambientes escolares, adolescentes e seus familiares que oportunizaram a realização dessa pesquisa.

Com carinho, gratidão a todos os envolvidos na realização dessa conquista!

Este estudo também foi possível pelo apoio do Programa de Bolsas Universitárias de Santa Catarina – UNIEDU pela concessão de bolsa a mestranda desta pesquisa.

“ Conheça todas as teorias, domine todas as técnicas, mas
ao tocar uma alma humana seja apenas outra alma humana”
(Carl G. Jung).

RESUMO

A pandemia COVID-19 impactou a saúde da população e ocasionou alterações econômicas, culturais, sociais e na saúde emocional, principalmente aos adolescentes. O objetivo deste estudo foi caracterizar impactos da pandemia COVID-19 na socialização de adolescentes (n=106) em três ambientes escolares no município de Lages, SC, no período de maior isolamento social em 2020. A pesquisa foi descritiva, transversal, quantitativa e coleta de dados a campo em uma escola pública estadual, um colégio público militar e outro colégio privado. A coleta de dados foi realizada de setembro a outubro de 2022 com aplicação de questionário composto por dados sociodemográficos, formas e estratégias de comunicação dos adolescentes e participação da família na socialização. Os dados foram analisados por meio de estatísticas descritivas com comparações entre os três tipos de escola quanto aos meios tecnológicos de acesso a informação e modalidade de aulas/atividades foram avaliados por meio do teste Qui-quadrado, adotando-se um nível de confiança de 95% ($p \leq 0,05$). Participaram 39 (36,8%) adolescentes do colégio privado, da escola pública estadual 37 (34,9%) e do colégio público militar 30 (28,3%) com idade de 13 a 15 anos. Constatou-se que 87,7% dos adolescentes aderiram ao distanciamento e isolamento social durante a pandemia em 2020. Essa afetou emocionalmente 84% dos participantes, sendo que 67,9% sentiram-se ansiosos, 52,8% tristes e 46,2% irritados. Um número expressivo de adolescentes sentiu falta de encontrar os amigos (n=83; 78,3%) e não poder ir a lugares onde se divertiam (n=79; 74,5%), bem como, não poder ir à escola (n=55; 51,9%), não encontrar familiares próximos (n=51; 48,1%) e não praticar esportes ou atividades físicas (n=42; 39,6%). Quanto a socialização, 50,9% dos adolescentes reduziram um pouco o contato presencial com os amigos, 89,6% mantiveram amigos próximos, 48,1% sentiram-se sozinhos, 32,1% tiveram apoio da família e 39,6% a pandemia os aproximou dos familiares. Ter mais contato com os pais (n=55; 51,9%) foi uma experiência positiva vivenciada pelos adolescentes, assim como a realização de refeições em família com mais frequência (n=45; 42,5%), conversar mais com os pais (n=44; 41,5%), ter mais contato com os irmãos (n=41; 38,7%) e conversar mais com outros familiares (n=19; 17,9%). A maioria dos adolescentes assistiu filmes e séries e escutou música (n=95; 89,6%), jogou online no videogame/computadores/celulares (n=84; 79,2%), dormiu (n=81; 76,4%), assistiu YouTube ou transmissões ao vivo (n=75; 70,8%) e conversou com amigos nas redes sociais (n=73; 68,9%). Evidenciou-se o aumento de horas de acesso a telas para busca de lazer e socialização conforme o tempo de 11-15 horas com 7 (6,6%) respostas para antes da pandemia e 35 (33%) para o ano de 2020. Os adolescentes também ajudaram em atividades domésticas (n=66;

62,3%), desenharam (n=38; 35,8%), usaram redes sociais para conversar com desconhecidos (n=35; 33%) e leram (n=32; 30,2%). Conclui-se que apesar dos impactos negativos da pandemia destacaram-se dados da conscientização em relação à importância da higiene e do distanciamento social para a prevenção de doenças, ocorreu maior convivência com familiares e diversificação de atividades de lazer antes não muito exploradas em prol da busca de qualidade de vida.

Palavras-chave: Adolescente. Pandemia COVID-19. Socialização. Desenvolvimento Humano. Ambiente Escolar.

ABSTRACT

The COVID-19 pandemic impacted the health of the population and caused economic, cultural, social and emotional changes, especially among adolescents. The aim of this study was to characterize the impacts of the COVID-19 pandemic on the socialization of adolescents (n=106) in three school environments in the municipality of Lages, SC, in the period of greatest social isolation in 2020. The research was descriptive, cross-sectional, quantitative and field data collection in a state public school, a public military school and another private school. Data collection was carried out from September to October 2022 with the application of a questionnaire consisting of sociodemographic data, forms and communication strategies of adolescents and family participation in socialization. The data were analyzed using descriptive statistics with Comparisons between the three types of school regarding the technological means of accessing information and the type of classes/activities were evaluated using the *Qui-quadrado* test, adopting a confidence level of 95% ($p \leq 0.05$). Participated 39 (36.8%) adolescents from the private school, 37 from the state public school (34.9%) and from the military public school 30 (28.3%) aged 13 to 15 years. It was found that 87.7% of adolescents adhered to social distancing and isolation during the pandemic in 2020. This emotionally affected 84% of participants, with 67.9% feeling anxious, 52.8% sad and 46.2% irritated. A significant number of adolescents missed meeting friends (n=83; 78.3%) and not being able to go to places where they had fun (n=79; 74.5%), as well as not being able to go to school (n=55; 51.9%), not meeting close family members (n=51; 48.1%) and not practicing sports or physical activities (n=42; 39.6%). As for socialization, 50.9% of adolescents reduced face-to-face contact with friends a little, 89.6% kept close friends, 48.1% felt lonely, 32.1% had family support and 39.6% the pandemic brought them closer to family members. Having more contact with parents (n=55; 51.9%) was a positive experience for the adolescents, as well as having family meals more frequently (n=45; 42.5%), talking more with parents (n=44; 41.5%), having more contact with siblings (n=41; 38.7%) and talking more with other family members (n=19; 17.9%). Most the adolescents watched movies and series and listened to music (n=95; 89.6%), played video games online/computers/cell phones (n=84; 79.2%), slept (n=81; 76.4%), watched YouTube or live streams (n=75; 70.8%) and chatted with friends on social media (n=73; 68.9%). It was evidenced the increase in hours of access to screens for leisure and socialization according to the time of 11-15 hours, with 7 (6.6%) answers for before the pandemic and 35 (33%) for the year 2020. Adolescents also helped with household activities (n=66; 62.3%), drew (n=38; 35.8%), used social networks to talk to strangers (n=35; 33%) and read (n=32;

30.2%). It is concluded that despite the negative impacts of the pandemic, data from the awareness of the importance of hygiene and social distancing for the prevention of diseases, there was greater interaction with family members and diversification of leisure activities not previously explored in pursuit of quality of life.

Keywords: Adolescent. COVID-19 pandemic. Socialization. Human Development. School Environment.

IMPACTO E CARÁTER INOVADOR DA PRODUÇÃO INTELECTUAL

A relevância social do presente estudo destaca-se para as áreas da saúde e educação de adolescentes, evidenciada na análise dos dados coletados, que mostraram como a socialização é um aspecto essencial a ser considerado na formação integral dessa população. Os resultados apontaram que a pandemia COVID-19 alterou o modo de vida dos adolescentes devido a necessidade de isolamento social, que impactou a convivência, a aprendizagem e a qualidade de vida dos indivíduos. Os avanços tecnológicos oportunizaram nesse período as interações online como uma alternativa de manutenção da socialização, atividades de lazer e oferta de aprendizagem escolar, no entanto um aumento significativo do uso de telas. Apesar de dados preocupantes como o referido anteriormente, esse estudo também identificou aspectos positivos vivenciados durante a pandemia. Dentre os que se destacaram: a conscientização dos adolescentes em relação à importância da higiene e do distanciamento social para a prevenção de doenças, maior convivência com familiares e diversificação de atividades de lazer antes não muito exploradas. Ressalta-se a necessidade de ampliação de estudos e discussões sobre a correlação de impactos da pandemia COVID-19 com essa etapa do desenvolvimento do ser humano, a adolescência. A partir desses possibilitar ações para a prevenção e promoção de saúde mental em contextos pandêmicos e pós pandêmicos ou outras emergências, pois os resultados explicitaram a necessidade de os adolescentes receberem apoio nos seus ambientes de convivência (familiar/escolar/sociedade). A relevância científica afirma-se ao contribuir com a valorização da emergência de produção de estudos interdisciplinares sobre a temática pesquisada. Esses, com foco à novas percepções sobre a importância e a valorização da rede de apoio aos adolescentes e seus familiares de diversos contextos escolares em situações emergenciais como a pandemia COVID-19 ou outras que ainda possam impactar a humanidade.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1- O que os adolescentes de 13 a 15 anos sentiram falta na sua rotina durante a pandemia em 2020, expressos em percentagem do total entrevistados. Lages, Santa Catarina, BR44
- Figura 2- Dificuldades enfrentadas pelos adolescentes de 13 a 15 anos na sua rotina em 2020, expressos em percentagem do total entrevistados, Lages, Santa Catarina, BR45
- Figura 3- Atividades dos adolescentes de 13 a 15 anos no seu tempo livre em 2020, expressos em percentagem do total entrevistados, Lages, Santa Catarina, BR47
- Figura 4- Percentual de adolescentes com experiências positivas em 2020 em Lages, Santa Catarina, BR52

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Distribuição das questões no questionário para alcançar os respectivos objetivos da pesquisa.....	39
Tabela 2- Dificuldades financeiras de adolescentes de 13 a 15 anos, expressos em percentagem do total entrevistado (106), Lages, Santa Catarina, BR	40
Tabela 3- Meios tecnológicos de acesso à informação de adolescentes de 13 a 15 anos em 2020, expressos em percentagem do total entrevistado, Lages, Santa Catarina, BR	41
Tabela 4- Escolaridade dos pais/responsáveis pelos adolescentes de 13 a 15 anos em 2020, expressos em percentagem do total entrevistados, Lages, Santa Catarina, BR	41
Tabela 5- Socialização dos adolescentes de 13 a 15 anos em 2020, considerando a privacidade, sentir-se sozinho e restrição social, expressos em número total e respectiva percentagem, Lages, Santa Catarina, BR	42
Tabela 6- Impactos do isolamento social durante a pandemia em 2020 na convivência e apoio familiar aos adolescentes de 13 a 15 anos quando também se sentiram sozinhos, expressos em percentagem do total entrevistados, Lages, SC, BR	51
Tabela 7- Impactos da pandemia na qualidade do sono e da alimentação dos adolescentes de 13 a 15 anos em 2020, expressos em percentagem do total entrevistados. Lages, Santa Catarina, BR.....	54
Tabela 8- Frequência com que os adolescentes de 13 a 15 anos sentiram tristeza, irritabilidade e ansiedade em 2020, expressos em percentagem do total entrevistados, Lages, Santa Catarina, BR	55
Tabela 9- Adolescentes de 13 a 15 anos que tiveram COVID-19 entre 2020-2022 e familiar com quem reside que teve COVID-19 em 2020 expressos em percentagem do total entrevistados, Lages, Santa Catarina, BR	56

Tabela 10- Meios tecnológicos de acesso à informação que os adolescentes, de três ambientes escolares, não possuíam em 2020, expressos em percentagem do total entrevistados, Lages, Santa Catarina, BR	57
Tabela 11- Dificuldades financeiras de adolescentes de três ambientes escolares, expressos em percentagem do total entrevistados, Lages, Santa Catarina, BR	57
Tabela 12- Acompanhamento das aulas online, expressos em percentagem do total de adolescentes entrevistados de três ambientes escolares, Lages, Santa Catarina, BR.....	58
Tabela 13- Compreensão dos conteúdos das aulas online e das atividades impressas e pedido de ajuda aos pais/responsáveis para a realização das atividades escolares dos adolescentes de três ambientes escolares, expressos em percentagem do total entrevistados, Lages, Santa Catarina, BR.....	60

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CGI - Comitê Gestor da Internet no Brasil

CONEP - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa

COVID-19 - Coronavírus Disease 2019

FIOCRUZ - Fundação Oswaldo Cruz

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDEB - Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação

MS - Ministério da Saúde

ONU - Organização das Nações Unidas

PPGAS - Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Saúde

Sars-cov-2 - Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2

SECNS - Secretaria-Executiva do Conselho Nacional de Saúde

SED/SC - Secretaria de Estado da Educação do Estado de Santa Catarina

SPSS® - Statistical Package for the Social Sciences

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância

UNIEDU - Programa de Bolsas Universitárias de Santa Catarina

UNIPLAC - Universidade do Planalto Catarinense

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
2 REVISÃO DA LITERATURA	20
2.1 Adolescência, ambiente familiar e socialização	20
2.2 Impactos da pandemia COVID-19 nos adolescentes	25
2.3 Ambiente escolar em período de pandemia.....	28
3 ARTIGO - Socialização de adolescentes durante a pandemia COVID-19 no ambiente escolar	34
3.1 Introdução	35
3.2 Percurso Metodológico.....	36
3.3 Resultados/Discussão.....	39
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS DA DISSERTAÇÃO.....	66
REFERÊNCIAS	69
APÊNDICES	76
Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE	76
Apêndice B – Termo de assentimento para criança e adolescente (maiores de 6 anos e menores de 18 anos)	78
Apêndice C – Questionário de coleta de dados	80
Apêndice D - Características sociodemográficas das famílias dos adolescentes em 2020	87
ANEXO	89
Anexo A - Parecer Comitê de Ética em Pesquisa.....	89

1 INTRODUÇÃO

O surto do coronavírus, com início em 2019 na população chinesa, ocasionou a pandemia COVID-19 em escala mundial e teve efeito dramático na saúde e nas vivências do ser humano. Essa pandemia impactou, significativamente, do ponto de vista econômico, cultural e social. Gatti (2020) enfatiza que a COVID-19 transformou as relações humanas, seus valores, as formas de conceber a vida, a saúde, a educação, entre outras consequências. Duan *et al.* (2020) demonstram o aumento da ansiedade e depressão em crianças e adolescentes associado à pandemia COVID-19.

A COVID-19, definida como síndrome respiratória aguda grave, é causada pelo vírus SARS-CoV-2 e tem causado mortalidade em escala mundial sem precedentes (NALBANDIAN *et al.*, 2021). Nalbandian *et al.* (2021) relatam que múltiplos órgãos do corpo são atingidos com amplo espectro de manifestações e efeitos de fadiga, dispneia, dor no peito, distúrbios cognitivos, declínio da qualidade de vida, entre outros, que persistem após a doença. Medidas de isolamento, como preventivas na transmissão da doença e auxílio na redução de casos, deixou efeitos secundários preocupantes relacionados ao sofrimento psicológico (SAURABH; RANJAN, 2020). Embora, Saurabh e Ranjan (2020) reportam que o cumprimento de todos os requisitos de isolamento social foi baixo (7,4%), o cumprimento das medidas de proteção da comunidade (17,4%) foi melhor que as medidas de proteção domiciliar (10,7%). A maioria das crianças e dos adolescentes não seguiram as regras estabelecidas para evitar a disseminação do coronavírus (SAURABH; RANJAN, 2020). As crianças e os adolescentes respondem ao estresse, ansiedade e à depressão de maneiras diferentes, pois depende do estágio de desenvolvimento, da vulnerabilidade social da família e do acesso aos recursos de atendimento à saúde (MIRANDA *et al.*, 2020).

As motivações para manter o isolamento, perante as regras de distanciamento impostas durante a pandemia COVID-19, relacionam-se à responsabilidade social, ao fato de não querer o adoecimento de outras pessoas, aos bloqueios, às medidas de saúde pública e às regras parentais (OOSTERHOFF *et al.*, 2020). Crianças e adolescentes experimentaram o maior sofrimento psicológico com sentimento de preocupação (68,6%), desamparo (66,1%) e medo (62%) (SAURABH; RANJAN, 2020). Em adolescentes, foram observados, também, sintomas de ansiedade, depressão, aumento de peso e perda de pertencimento ao grupo social (OOSTERHOFF *et al.*, 2020). A solidão foi sinalizada por Loades *et al.* (2020) como

fortemente associada a sintomas graves de depressão em meninas e com grave ansiedade social em meninos. Esses autores destacam que crianças e adolescentes são mais propensos a experimentar altas taxas de depressão e ansiedade durante e após o término do isolamento forçado, estes aumentam à medida que o isolamento continua. Sintomas pós-traumáticos foram identificados entre as crianças, com maior ocorrência de ansiedade e depressão nas meninas adolescentes (MIRANDA *et al.*, 2020).

O isolamento social induziu o uso intensivo da internet e *smartphone* entre crianças e adolescentes, cujas consequências levaram às práticas de violências autoinfligidas (DUAN *et al.*, 2020). O potencial ansiogênico e a reprodução de medo globalizado aumentaram as vulnerabilidades quanto ao estresse e ideações suicidas (DESLANDES; COUTINHO, 2020). A saúde mental infanto-juvenil foi agravada pela ruptura da rotina, insegurança alimentar, aspectos socioeconômicos das famílias e violência doméstica (NEUMANN *et al.*, 2020). Os mais jovens, também, precisavam do auxílio das gerações mais maduras para interpretar e compreenderem as informações que recebiam pela internet de modo a contextualizarem a pandemia, pois sem a mediação, podiam se expor a riscos significativos (DESLANDES; COUTINHO, 2020).

Novos impactos gerados na saúde mental infantil foram detectados em decorrência do isolamento social, onde quase que a totalidade dos estudantes foi afastada do ambiente escolar, o que implicou prejuízo do ensino e a exposição das crianças e dos adolescentes a um contexto de maior vulnerabilidade (NEUMANN *et al.*, 2020).

A socialização é considerada essencial para a formação socioemocional dos jovens durante a adolescência, sendo esta fase caracterizada pelo desenvolvimento da identidade e solidificação da personalidade (SANTOS, 2021). Os saberes, as representações culturais e os sentidos, que fazem parte do contexto social e cultural, são permeados pelos meios de comunicação, redes sociais e mídia que influenciam o processo de construção de identidades, bem como na saúde mental e socialização dos adolescentes (SANTOS, 2021). A socialização é um processo contínuo de comunicação, convivência e de relacionamentos que oportuniza troca de ideias, aprendizagens, novos hábitos e valores de uma determinada sociedade e cultura (MAGNANI, 2012). Pela socialização, o indivíduo torna-se um membro funcional da comunidade, sendo raro encontrar pessoas completamente isoladas e sem algum tipo de interação (MAGNANI, 2012).

A sociabilidade fomenta a cultura e a civilização humana e por isso desempenha um papel essencial na saúde e bem-estar dos indivíduos. Gois *et al.* (2022) apontam que a perda de

liberdade, o tédio e o afastamento do ambiente escolar são exemplos de experiências psicossociais adversas, advindas do distanciamento e isolamento social. Estes, podem ser prejudiciais para crianças e adolescentes em desenvolvimento, pois aumentam os níveis de estresse, alteram o sono e a atividade física, causam oscilações emocionais, imunológicas e metabólicas que podem ser duradouras (GOIS *et al.*, 2022). A escola é considerada a instituição responsável pela socialização secundária do indivíduo e tem um papel significativo por oportunizar a vivência entre os pares. Esse ambiente também foi impactado pela pandemia COVID-19, pois afetou a rotina diária dos indivíduos, o processo de ensino e aprendizagem, bem como a interação social (GOIS *et al.*, 2022).

Logo, apresenta-se a pergunta de pesquisa: Como impactou a pandemia COVID-19 na socialização de adolescentes em distintos ambientes escolares?

O objetivo deste estudo foi caracterizar impactos da pandemia COVID-19 na socialização de adolescentes em três ambientes escolares no município de Lages, SC, no período de maior isolamento social em 2020. O estudo abrange os seguintes tópicos: a) Levantar características sociodemográficas das famílias de adolescentes com idade de 13 a 15 anos em três ambientes escolares; b) Identificar as formas e estratégias de comunicação dos adolescentes para a socialização em face à pandemia COVID-19; c) Verificar o apoio/participação da família na socialização dos adolescentes durante a pandemia COVID-19; d) Investigar a qualidade de vida dos adolescentes e, e) Comparar a socialização dos adolescentes em diferentes ambientes escolares no município de Lages, SC;

Esta pesquisa possibilita compreender e comparar a socialização de adolescentes em época de pandemia e refletir sobre estratégias que poderiam ser adotadas no âmbito escolar, familiar e social para minimizar os problemas relacionados à saúde mental dos adolescentes em época de pandemia ou posterior a ela. Portanto, evidencia-se a relevância social e acadêmica dessa temática que envolve socialização, ambiente e saúde.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Adolescentes representam faixa etária significativa da população brasileira (37%) (COSTA *et al.*, 2021). A adolescência é uma fase do desenvolvimento humano que produz consequências para a vida toda, relacionadas principalmente às características identitárias e à personalidade que impactarão suas vivências (SANTOS, 2021). Jovens, dessa faixa etária, estão mais vulneráveis frente às transformações vivenciadas por eventos de impacto social, a exemplo da pandemia COVID-19. Assim, na presente revisão de literatura, procurou-se trazer informações sobre as implicações deste cenário de pandemia na socialização dos adolescentes e ampliar as possibilidades de compreensão e intervenção em prol da qualidade de vida e bem-estar durante e pós-pandemia no ambiente familiar e escolar.

Na presente revisão são abordados os seguintes tópicos: (a) adolescência, ambiente familiar e socialização; (b) impactos da pandemia COVID-19 nos adolescentes e (c) ambiente escolar em período de pandemia.

2.1 ADOLESCÊNCIA, AMBIENTE FAMILIAR E SOCIALIZAÇÃO

O termo adolescência teve suas primeiras definições no início do século XV, mas maior ênfase tem sido dada no final do sec. XIX, reconhecido como fase essencial do desenvolvimento humano e período decisivo do percurso de vida (SENNA; DESSEN, 2012). A partir da metade do século XX, apareceram estudos longitudinais com grupos diversos de pessoas (FERREIRA; FARIAS; SILVARES, 2010). Nesse período, a adolescência se destacou como tema de interesse da Psicologia, em face às mudanças nas sociedades e nas famílias, com novas preocupações e questionamentos sobre as influências mútuas entre os fatores individuais e o contexto de vivências (SENNA; DESSEN, 2012).

A adolescência é um período que apresenta características e implicações na personalidade e identidade do jovem que se estabelecerão para a vida toda, a qual corresponde a um momento em que as características assumidas vão determinar como o jovem vivenciará e ingressará na vida adulta (MAGNANI, 2012). A variedade de relacionamentos dos adolescentes que envolvem os pais, pares e amigos, constrói uma competência social para seus relacionamentos futuros de amizade, de relacionamento românticos e de identidade sexual

adulta (BEE; BOYD, 2011). Portanto, a adolescência é um período de transformações significativas que repercutem no próprio indivíduo, na sua família e na comunidade (FERREIRA; FARIAS; SILVARES, 2010).

O início da adolescência é marcado por um novo corpo e com isso, também, a necessidade de construção de uma nova identidade que passa da esfera familiar para a esfera social (OUTEIRAL, 2008). Segundo Papalia e Feldman (2013), entende-se como adolescência a transição no desenvolvimento entre a infância e a vida adulta, correspondendo ao período dos 11 aos 20 anos de idade, fase que ocasiona mudanças físicas, cognitivas e psicossociais, as quais são influenciadas pelos diversos contextos econômicos, culturais e sociais.

As perdas relacionadas à imagem, à identidade infantil e aos pais idealizados da infância geram um sofrimento significativo, sendo a adolescência o momento da construção de nova imagem com a realização de escolhas e ampliação da independência. Assim, os adolescentes podem demonstrar um comportamento introspectivo ou até isolado, pois está conquistando um espaço para sua auto elaboração (SILVA, 2020). A fase é caracterizada por uma crise de identidade, visto que os adolescentes se deparam com questionamentos sobre o corpo, escolhas a serem feitas, valores e o seu papel na sociedade (MAGNANI, 2012).

O cérebro do adolescente está em processo de maturação do processamento cognitivo e julgamentos menos precisos e menos racionais estão relacionados à tendência de assumir comportamentos de risco, que tem relação com o desenvolvimento insuficiente dos sistemas corticais frontais ligados à motivação, dependência e impulsividade (PAPALIA; FELDMAN, 2013). No âmbito internacional, há avanços significativos nos trabalhos sobre a genética do comportamento que tem contribuído para a compreensão da influência do ambiente, fatores biológicos e neuropsicológicos no desenvolvimento cerebral durante a adolescência (SENNA; DESSEN, 2012). A adolescência na sociedade ocidental contemporânea é considerada um estágio do ciclo vital, além de ser identificada como período de preparação para a vida adulta (FERREIRA; FARIAS; SILVARES, 2010). Na cultura brasileira, não há um ritual determinado de passagem para a adolescência, mas fatores biológicos, psicológicos, sociais e culturais sinalizam a entrada na adolescência (MAGNANI, 2012).

O processo de humanizar-se e individualizar-se ocorrem nas relações com os outros indivíduos, sendo a adolescência um estágio em que o jovem busca compreender o que acontece com ele, voltando sua atenção para questões de seu interesse, marcando a última etapa da vida que separa a criança do adulto (DOURADO; PRANDINI, 2002). Portanto, a adolescência é marcada por transformações de ordem fisiológica, mudanças corporais impostas pelo

amadurecimento sexual, assim como transformações de ordem psíquica com preponderância afetiva (DOURADO; PRANDINI, 2002).

A afetividade reassume posição de destaque na entrada na adolescência que é fecunda em conflitos, onde, em alguns momentos, as necessidades do “eu” tendem a absorver as disponibilidades do sujeito (TEIXEIRA, 2003). Nesse estágio, os sentimentos se alternam, ocorre a busca da consciência de si na figura do outro, contrapondo-se a ele, além de incorporar uma nova percepção temporal, quando o meio social e cultural passa a ser de grande importância, condicionando a existência da pessoa, configurando-se a personalidade de maneiras diversas (DOURADO; PRANDINI, 2002). Na adolescência, alternam-se sentimentos ambivalentes como timidez e arrogância, egoísmo e altruísmo. Emergem sentimentos de como se o sujeito não se conhecesse mais, com o surgimento de preocupações em relação a responsabilidades sociais, profissionais e familiares (TEIXEIRA, 2003). Os conflitos na perspectiva das teorias wallonianas são funcionais, pois fazem parte do processo de construção do Eu (GALVÃO, 2008).

As teorias wallonianas ressaltam que o desenvolvimento ocorre, necessariamente, nas dimensões da emoção, movimento, inteligência e personalidade, sendo a pessoa um ser geneticamente social, determinado fisiologicamente e socialmente por fatores de natureza orgânica e social no decorrer da sua vivência (Galvão, 2008). O psiquismo humano, na concepção walloniana, é produzido historicamente pelos próprios homens no interior das relações que estabelecem entre si e com a natureza (TEIXEIRA, 2003). Para Wallon, o processo de socialização da pessoa se dá no seu contato com o outro nas diversas etapas do desenvolvimento e da vida adulta (DOURADO; PRANDINI, 2002). O encontro com o escrito, com a pintura ou com a música produzida pelo outro, possibilita a identificação como homem genérico e a diferenciação como homem concreto, o que contribui no processo de individuação e constituição do eu (DOURADO; PRANDINI, 2002). A individualização é parte da resposta a estímulos ambientais, bem como reativo ao meio criado por sua atividade, ou seja, o meio no qual se desenvolve o psiquismo é, também, cultural e social (TEIXEIRA, 2003).

A cultura influi marcadamente os jovens adolescentes o que determina as exigências e direitos que os jovens poderão usufruir e as maneiras como seu comportamento será interpretado (MAGNANI, 2012). Embora, sugere-se universalidade da fase da adolescência, ela vai variar conforme a inserção histórica e cultural, que caracterizará variadas formas de vivenciar esse período, considerando o gênero, a geração e o grupo social (MARTINS; TRINDADE; ALMEIDA, 2003). Questionamentos sobre existir ou não a universalidade da

adolescência é significativa e historiadores pontuam que essa fase do desenvolvimento é uma construção social (FERREIRA; FARIAS; SILVARES, 2010).

A família é considerada o principal microsistema do desenvolvimento na adolescência, pois, nesse ambiente, acontecem as interações e as experiências mais significativas, responsáveis pela condução ao desenvolvimento de competências socioemocionais, através de diálogos que englobam negociações e trocas de argumentos e de opiniões (SENNA; DESSEN, 2012). A forma dos comportamentos de apego apresenta, também, mudança nessa fase, pois, ao mesmo tempo que os adolescentes estabelecem autonomia em relação aos pais, mantém seu senso de apego a eles (BEE; BOYD, 2011).

A convivência, no período de adolescência, é maior com os amigos e menor com a família, mas os valores fundamentais de seus pais continuam prevalentes, mesmo quando se aproximam dos amigos em busca de modelos de comportamento, intimidade e companhia, na exploração de vivências mais amplas ao experienciar a liberdade (PAPÁLIA; FELDMAN, 2013). Bee e Boyd (2011) destacam que a experiência da pressão por autonomia aumenta os conflitos cotidianos entre pais e filhos, aumento da impaciência de ambas as partes, discussões sobre responsabilidades da idade quando privilégios como o namoro podem ser concedidos, mas a permanência de conexões é o que fortalece o apego nesse período.

No início da adolescência, comportamentos como se trancar no quarto sinalizam a busca de seu espaço para estabilizar o seu emocional, bem como refletir questões de identidade. Esse tempo de sozinho exprime o desejo de desvincular-se das exigências das relações sociais (PAPÁLIA; FELDMAN, 2013). No processo de individualização, a fim de se tornar sua própria pessoa, o adolescente necessita afastar-se dos pais, tentar seus próprios limites e discordar deles (BEE; BOYD, 2011). O relacionamento com os pais durante a adolescência, considerando o grau de conflito e a abertura de diálogo, está baseado nas vivências da infância, sendo que as bases desses vínculos estabelecem a qualidade dos relacionamentos futuros (PAPÁLIA; FELDMAN, 2013). Pais abertos ao diálogo, que expressam afeto e segurança aos filhos, abreviam os períodos de conflito, pois a discórdia temporária pode ser saudável e necessária na formação da identidade do adolescente (BEE; BOYD, 2011).

A identificação positiva do adolescente com os seus pais e o conflito familiar chega ao ápice aos 13 anos de idade e diminuem até os 17 anos, o que reflete a ampliação das oportunidades para a tomada de decisão pelo adolescente (PAPÁLIA; FELDMAN, 2013). As relações interpessoais oportunizam a aprendizagem e a identificação de como lidar com as emoções e os afetos, os quais são fundamentais para a construção de relações de segurança na

idade adulta, sendo estas interações, oportunidades de experimentar, avaliar e construir uma visão sobre si próprio e sobre o que o rodeia (SILVA, 2020). O estilo de parentalidade democrático que se qualifica em envolvimento, concessão de autonomia e estrutura, promove a autoimagem positiva dos adolescentes na sua conduta, saúde mental e desenvolvimento psicossocial (PAPÁLIA; FELDMAN, 2013). No entanto, os pais que tentam dominar as experiências psicossociais dos filhos, causam sofrimento à saúde emocional dos mesmos em razão do controle que é percebido pelos adolescentes (PAPÁLIA; FELDMAN, 2013).

Adolescentes em construção da autonomia, que vivenciam relações familiares positivas, continuam a perceber nos pais uma base segura e necessária para o seu desenvolvimento (BEE; BOYD, 2011). Relações sustentáveis entre adolescentes e seus pais oportunizam segurança e encorajamento em busca da independência e vínculo seguro nos momentos de tensão emocional, importantes para o processo de socialização que influencia no desenvolvimento da personalidade dos indivíduos (PAPÁLIA; FELDMAN, 2013). Adolescentes com vínculos fortalecidos com seus pais têm maior probabilidade de vivenciar relacionamentos positivos com seus amigos e menos probabilidade de se envolverem em comportamentos de risco ou delinquência (BEE; BOYD, 2011). Por outro lado, as interações familiares negativas estão associadas à depressão em adolescentes e a identificação familiar positiva associada a menor risco para a depressão (PAPÁLIA; FELDMAN, 2013). É importante que, os pais ouçam seus filhos, dialoguem sobre as ideias e demonstrem o quanto as sugestões e reivindicações são importantes e compreendidas pela família (MAGNANI, 2012).

A fase adolescente é de transição lenta, das experiências de proteção da família para a vida independente adulta. Logo, o grupo de iguais torna-se um fator essencial nessa trajetória de mudanças (BEE; BOYD, 2011). Na socialização com os pares, ocorrem descobertas e trocas afetivas que possibilitarão ao adolescente experimentar a sensação de identidade social e a falta dessas vivências afetarão como ele se integrará na sociedade (COSTA *et al.*, 2021). A confiança dos adolescentes nos seus pares ser maior do que nos seus pais é um sinal de transição, pois desperta forte união e intensa conformidade com o grupo, chegando ao auge aos 13 ou 14 anos de idade (BEE; BOYD, 2011). Nessa idade, as amizades ficam mais íntimas e duradouras e os traços de personalidade tornam-se importantes na escolha dos amigos devido às afinidades, pois compartilham mais sentimentos e vivências particulares, havendo uma compreensão mútua (BEE; BOYD, 2011). O grupo de pares é mais influente e elaborado no início da adolescência, quando jovens se aproximam por afinidades, e as meninas se tornam mais íntimas de suas amigas com vínculos mais estáveis e solidários (PAPÁLIA; FELDMAN, 2013). As jovens

sentem-se pertencentes ao grupo e compartilham valores, gostos e ideias, que contribuem na sua formação (SILVA, 2020). Os grupos de sexo misto ampliam a identificação com os valores e comportamentos do grupo ao mesmo tempo em que diminuiu a influência dos pais, apesar do apego permanecer fortalecido (BEE; BOYD, 2011).

Ao participar de outros ambientes, os adolescentes formam e ampliam a sua rede de relações interpessoais, o que evidencia os efeitos diretos e indiretos gerados do contexto amplo da época em que a adolescência é vivida. Alguns desses eventos são esperados, como o namoro ou um novo ciclo escolar (SENNA; DESSEN, 2012). No entanto, outros eventos são imprevisíveis, como exemplo, o cenário da pandemia da COVID-19. As relações interpessoais são uma ferramenta de aprendizagem emocional, pessoal e social para o adolescente, impactando na construção de sua autonomia e identidade, tanto pelo contato social tradicional ou mesmo por meio das mídias sociais (SILVA, 2020).

A compreensão da adolescência é repleta de dificuldades e conflitos, sendo indispensável ultrapassar a fragmentação disciplinar e estabelecer o diálogo interdisciplinar importante à saúde e ao desenvolvimento do adolescente (SENNA; DESSEN, 2012). Senna e Dessen (2012) mencionam a necessidade de identificar os recursos das famílias, das instituições e das comunidades, com o objetivo de fortalecer as conexões, onde o adolescente tenha a oportunidade de exercer um papel proativo no seu desenvolvimento e na sociedade.

2.2 IMPACTOS DA PANDEMIA COVID-19 NOS ADOLESCENTES

A COVID-19 impactou fortemente o ser humano no seu contexto social, político, econômico e sanitário, configurando-se como pandemia a partir do final do ano de 2019, decorrente da infecção causada por um novo tipo de vírus, detectado, inicialmente, em Wuhan na China, o Sars-cov-2. A população foi submetida a medidas de isolamento social, o que incluía a maioria adolescentes, pela suspensão das aulas presenciais nas escolas e com a proibição de convivência em espaços de lazer e de socialização que eram comuns antes desse evento (CAUBERGHE *et al.*, 2021). Após isolamento social, ou durante o mesmo, a retomada da vida social, econômica e educacional tem sido muito complexa (BARRETO; ROCHA, 2020).

No Brasil, os adolescentes representam cerca de 37% da população, apesar de não serem considerados o grupo de maior risco à COVID-19, são suscetíveis a impactos biopsicossociais

causados pela pandemia (COSTA *et al.*, 2021; SILVA *et al.*, 2021). O distanciamento social impactou na saúde dos adolescentes, pela falta de atividades fora do ambiente familiar, aumentando o comportamento sedentário e a falta de interação com os amigos ou colegas (MALTA *et al.*, 2021).

A pandemia COVID-19, também, teve impactos nas famílias, o que afetou, principalmente, as de baixa renda com estresse parental diante da responsabilidade de cuidar dos filhos na escassez de recursos financeiros para atender as necessidades básicas em isolamento social (CUSINATO *et al.*, 2020). As desigualdades sociais e econômicas presentes na sociedade brasileira impactaram de forma diferente as oportunidades dos adolescentes, pois algumas famílias tiveram perdas financeiras que limitou o acesso aos alimentos e habitação de qualidade (REIS *et al.*, 2021).

A saúde mental dos adolescentes foi, também, impactada com a pandemia, como aumento dos níveis de estresse, sentimentos de ansiedade, de solidão e depressão e diminuição do sentimento de felicidade (CAUBERGHE *et al.*, 2021). Foi observada a diminuição de atividade física, aumento do uso de telas, distúrbios do sono e aumento da obesidade em razão de uma alimentação menos saudável (MALTA *et al.*, 2021). A incerteza sobre a doença, o medo da contaminação e até mesmo da morte, a privação da liberdade e do contato com os pares são fatores que tem causado sofrimento psíquico, como insegurança, frustração, comportamentos agressivos e hostis, apatia e desinteresse escolar, entre outros (PINHEIRO *et al.*, 2021). Os mesmos acometimentos podem ser agravados em casos de psicopatologias já existentes além do aumento dos níveis de estresse pós-traumático (CAUBERGHE *et al.*, 2021; REIS *et al.*, 2021).

Estudos durante a pandemia apontam que 18,1% dos pais relatam efeitos negativos nas interações familiares devido ao confinamento pois limitava a convivência com diferentes pessoas e confundia os limites de privacidade entre os moradores (CUSINATO *et al.*, 2020). Assim, a vivência essencial na busca de autonomia durante a adolescência pode ter sido prejudicada, impactando na construção da identidade do adolescente e de seu papel na sociedade (COSTA *et al.*, 2021).

Variáveis pessoais e interpessoais, em um contexto familiar fragilizado, ampliam a sensação de pressão psicológica resultante do papel do cuidador (CUSINATO *et al.*, 2020). Estressores como, baixa confiança nas habilidades parentais, problemas de vínculo, de saúde, de trabalho, problemas conjugais, comportamentais e emocionais dos filhos interferem no manejo adequado de conflitos (CUSINATO *et al.*, 2020; REIS *et al.*, 2021). Consequentemente,

isso resulta no aumento de estratégias disciplinares inadequadas e risco de abuso físico, mas a resiliência dos filhos e a saúde psicológica dos pais são recursos de proteção, pois estão ligados ao bem-estar e podem atenuar o estresse parental (CUSINATO *et al.*, 2020). Por outro lado, o isolamento social acarretou maior convivência do adolescente com seus familiares, quando oportunizado diálogo aberto e construtivo, o que propicia espaço para amenizar preocupações, ansiedade e estresse, muitas vezes vindos de mídias sociais sem filtro com informações inadequadas e da privação de convivência com os pares (REIS *et al.*, 2021). Estudos sobre interações familiares durante a pandemia apontam aspectos positivos (48,8%) em mudanças saudáveis nos vínculos afetivos entre pais e filhos ao passar mais tempo juntos, apresentando níveis mais baixos de estresse parental (CUSINATO *et al.*, 2020).

Manter rotina de atividades diárias, momentos de lazer em família, limitação de tempo de tela, atividades físicas, alimentação mais saudável e horário adequado de sono são fatores que contribuem de forma positiva na manutenção da saúde mental dos adolescentes, apesar de a pandemia poder ter afetado essas vivências e rotinas (PINHEIRO *et al.*, 2021).

O desenvolvimento da identidade pessoal e a descoberta do lugar na sociedade é parte significativa da experiência do adolescente e para a sua futura vida adulta (COSTA *et al.*, 2021). Os adolescentes estão conectados, globalmente, pois possuem uma rede de interconexões e interdependências onde compartilham informações, bens, imagens eletrônicas, diversão, jogos, músicas, modas entre outros, que se espalham de forma instantânea (PAPALIA; FELDMAN, 2013). No cenário de pandemia, os adolescentes em seu período de ampliação de autonomia e independência em relação aos pais, de proximidade aos pares e formação de identidade, foram obrigados a buscar formas alternativas de se relacionar à distância (REIS *et al.*, 2021).

Os efeitos benéficos do uso de mídias sociais em relação à saúde mental são contrastados em estudos que apontam os efeitos negativos do uso da internet e da mídia social durante a pandemia (CAUBERGHE *et al.*, 2021). As mídias sociais mudaram a forma dos adolescentes se comunicarem, sendo eles os principais usuários das tecnologias de interação social, onde os indivíduos sentem-se mais livres para expressarem-se (PAPALIA; FELDMAN, 2013). Nesse contexto, há excesso de informações que sobrecarregam os indivíduos, o que ampliam sentimentos de ansiedade e depressão quando são vivenciadas as mesmas emoções de quem compartilha a mesma rede social, chamado de efeito contágio (CAUBERGHE *et al.*, 2021). Assim, o uso da internet e casos de *cyberbullying* aumentaram pela maior exposição em mídias sociais e desafios *on-line* como os de autolesão (COSTA *et al.*, 2021). Adolescentes depressivos fazem uso de mídias sociais para lidar com a negatividade e as dificuldades relacionadas a

habilidades sociais aumentam o uso da internet para enfrentar a solidão. No entanto, o uso exagerado desse recurso causa problemas de saúde mental (CAUBERGHE *et al.*, 2021). A associação desses fatores com o aumento dos conflitos e violências intrafamiliares, expõe o adolescente a maior incidência de comportamento de autolesão não suicida (COSTA *et al.*, 2021). Assim, limitar o tempo de uso de mídias sociais diminui os sentimentos de solidão e ansiedade (CAUBERGHE *et al.*, 2021).

As mídias sociais além de serem usadas pelos adolescentes para entretenimento, são uma oportunidade de estabelecer relações positivas com amigos e familiares (CAUBERGHE *et al.*, 2021). A sensação de alívio do estresse e dos sintomas depressivos está relacionada ao uso as mídias sociais por estas terem efeito positivo na saúde emocional, reduzindo a atenção aos pensamentos e sentimentos negativos, a ansiedade, a angústia e a solidão (CAUBERGHE *et al.*, 2021). Foi observado que habilidades dos adolescentes com o uso da internet ainda não alcançaram a maturidade para fazer uma seleção e interpretação adequada de conteúdos consumidos, nem mesmo a percepção dos riscos envolvidos nas práticas de socialização digital (COSTA *et al.*, 2021).

Ressalta-se que os adolescentes são seres em formação pelo fato de estarem em desenvolvimento físico e emocional, ainda dependem de adultos e passam a buscar grupos de interesses em comum e valorizá-los em relação à família (PINHEIRO *et al.*, 2021). Quando os adolescentes estão distantes do ambiente escolar e sem a convivência com os pares, ficam menos ativos em atividades físicas e ampliam o uso de telas (MALTA *et al.*, 2021). São considerados vulneráveis ao desenvolvimento ou potencialização de problemas mentais e situações perigosas como o abuso de álcool, drogas ilícitas e até gravidez precoce quando sujeitos a contextos familiares ou sociais inadequados (PINHEIRO *et al.*, 2021).

Apesar de o distanciamento social ser a medida mais difundida e eficaz pelas autoridades para reduzir a disseminação do Coronavírus, essa estratégia repercute, também, em mudanças comportamentais e conseqüentemente nos estilos de vida das pessoas e a adoção de hábitos nem sempre saudáveis que provocam danos à saúde dos adolescentes (MALTA *et al.*, 2021). A demanda de adaptações nos lares, o receio da doença e o isolamento social estão relacionados ao aumento de sofrimento psicológico entre os adolescentes, com índices significativos de depressão, ansiedade e outros transtornos mentais (SILVA *et al.*, 2021).

2.3 AMBIENTE ESCOLAR EM PERÍODO DE PANDEMIA

A sociedade possuiu em si caráter educativo, com os ensinamentos que passam historicamente de geração para geração. A organização do mundo do trabalho após o século XVIII, tornou o ambiente escolar para além de espaço de aprendizagem e educação, com orientações sobre regras, leis e rotinas sociais, ou seja, mediação entre a criança e o mundo social (MAGNANI, 2012). A escola é ambiente fundamental de desenvolvimento integral dos indivíduos para a formação de cidadãos, pois é um espaço de aquisição dos conteúdos escolares presentes numa Base Curricular e de intensas interações e convívio social (DALBEN, 2019). O ambiente escolar oportuniza experiência organizadora importante na vida dos adolescentes, pois oferece meios para obter informações, aprender e aperfeiçoar habilidades, envolvimento em atividades esportivas, artísticas, culturais entre outras, bem como explorar opções vocacionais, fazer amizades e ampliar aspectos cognitivos e sociais (PAPALIA; FELDMAN, 2013). Todas essas vivências são voltadas para a aprendizagem e aprimoramento de conhecimentos e habilidades oportunizadas pelas rotinas escolares. No entanto, pandemias com restrição de convivência social geram privações nesse contexto de vivências indispensáveis para o crescimento pessoal (DALBEN, 2019).

A pandemia COVID-19, no Brasil, desde meados de março de 2020 tem desafiado a educação brasileira, denotando uma necessidade de readaptação no ensino (CARDOSO; FERREIRA; BARBOSA, 2020). Governantes determinaram a suspensão das atividades escolares presenciais com o objetivo de ampliar o isolamento/distanciamento social, como estratégia para controlar a contaminação/disseminação da doença. No entanto, o distanciamento afetou a vida da população, sentida, principalmente, por crianças e adolescentes (PINHEIRO *et al.*, 2021). A suspensão das aulas presenciais privou os adolescentes de frequentarem as escolas, ambiente este que proporcionava parte significativa de suas vivências de socialização, proteção e, em muitos casos, de alimentação (COSTA *et al.*, 2021).

Os adolescentes não estão sendo considerados população de risco em relação à COVID-19. No Brasil, em 2020 foram registrados 1.207 óbitos, entre menores de 18 anos, dos quais 110 entre recém-nascidos com menos de 28 dias de vida (FIOCRUZ, 2021). Das crianças e adolescentes brasileiros vindo a óbito pela COVID-19 em 2020, 50% tinham até dois anos de idade. Um terço desses óbitos até 18 anos ocorreram entre os menores de 1 ano, 9% eram bebês com menos de 28 dias de vida e 44% eram crianças e adolescentes de 5 a 18 anos (FIOCRUZ, 2021). O boletim epidemiológico da Secretaria de Vigilância em Saúde, do Ministério da Saúde,

até a data de 16 de outubro de 2021, aponta 753 óbitos por COVID-19 de crianças e adolescentes de 6 a 19 anos no Brasil (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2021).

As medidas de controle da pandemia e a suspensão das aulas presenciais impactaram drasticamente na saúde mental dos adolescentes (COSTA *et al.*, 2021). Costa *et al.* (2021) pontuam que a necessidade de afastamento dos pares, maior permanência frente as telas e maior convívio com a família aumentou o estresse, a ansiedade, a agressividade, bem como a elevação de comportamentos de risco como a exposição às mídias sociais e *cyberbullying*.¹ O ambiente escolar propicia a identificação de sofrimento psíquico, pois é local de desenvolvimento neurocognitivo e social, onde há a oportunidade do apoio adulto disponível nessa mediação que pode identificar eventos estressores nos alunos (PINHEIRO *et al.*, 2021). O desempenho escolar na adolescência é influenciado, entre outros fatores, pela autoconfiança dos alunos e a influência dos pares na socialização (PAPALIA; FELDMAN, 2013). O estresse socioemocional e financeiro prejudica a concentração dos alunos em tarefas e afazeres escolares podendo aumentar os índices de depressão (PINHEIRO *et al.*, 2021).

As escolas, durante a pandemia, têm enfatizado a garantia da instrução acadêmica ofertada através do ensino remoto no ano de 2020 e através do ensino híbrido ou presencial no ano de 2021, a partir da flexibilização das regras sanitárias com a ampliação da vacinação disponível ao público adulto (PINHEIRO *et al.*, 2021). Foi exaltado o desafio de efetivar o direito à educação durante a pandemia, pois é escasso e restrito o acesso a recursos tecnológicos, canais de informação e de comunicação aos meios virtuais para muitos estudantes em escolas brasileiras, sendo estes também utilizados para a interação social, gerando mais desigualdades no direito à aprendizagem (CARDOSO; FERREIRA; BARBOSA, 2020). A educação será impactada a curto, a médio e a longo prazo pela pandemia, apesar do ensino remoto e/ou no ensino híbrido ser uma forma de minimizar os danos causados em relação a aprendizagem (CARDOSO; FERREIRA; BARBOSA, 2020). Barreto e Rocha (2020) relatam que o ensino remoto pode reforçar a desigualdade do acesso e qualidade da educação brasileira, por carecer de planejamento adequado. Muitos alunos não dispunham de acesso à internet ou mesmo de espaço inadequado nas residências para o desenvolvimento de estudos (BARRETO; ROCHA, 2020).

¹ O *cyberbullying* envolve o uso de tecnologias de informação e comunicação para apoiar o comportamento deliberado, repetido e hostil de um indivíduo ou grupo com o objetivo de prejudicar os outros (BELSEY, 2019).

Com a necessidade de distanciamento do ambiente escolar, os adolescentes foram impactados no processo de desenvolvimento de experiências e amadurecimento socioemocional, pois a pandemia ofereceu vivências dicotômicas como a necessidade de autonomia em relação aos pais e o confinamento, a necessidade de convivência com os grupos de relações e o isolamento social, inclusive reflexões sobre a morte e o morrer (COSTA *et al.*, 2021). Os jovens foram submetidos a novas informações, atuais experiências diante de uma realidade de interações sociais diversas e novas perspectivas de organização de vida e de futuro impostas pela pandemia (DALBEN, 2019).

A impossibilidade de vivências e ambientes saudáveis pode afetar, negativamente, na saúde dos adolescentes a médio e longo prazo (COSTA *et al.*, 2021). A escola assim como a família, tem a responsabilidade pela educação e socialização de crianças e adolescentes, pois possibilitam a transformação da sociedade em que estão inseridas, bem como novas formas de pensar, sentir, agir e almejar (MAGNANI, 2012). Na adolescência, o ambiente tem um papel fundamental, pois se este for acolhedor, seguro e ofereça uma perspectiva de continuidade, oportuniza o amadurecimento saudável de forma que o adolescente explore sua imaturidade, paradoxos e inconstâncias em busca de uma vivência existente e real de significados (COSTA *et al.*, 2021).

É emergente o aumento de suporte às famílias e aos alunos que dependem das escolas para ter apoio social e assistência psicológica, principalmente, àqueles em situação de vulnerabilidade (PINHEIRO *et al.*, 2021). Assim, é necessária a ampliação de ações e de políticas públicas de igualdade educacional, com a necessidade de estratégias de preservação da dignidade e da identidade cultural e do respeito à diferença e inclusão dos alunos, onde muitos estão privados de direitos que são garantidos pela Constituição Federal (BARRETO; ROCHA, 2020). Os adolescentes ficam mais passíveis ao sofrimento psíquico diante da carência de políticas públicas direcionadas a essa faixa etária, bem como um número reduzido de profissionais especializados na área (PINHEIRO *et al.*, 2021). É indispensável a atenção ao desenvolvimento saudável dessa população, pois vivências traumáticas podem impactar toda a vida do indivíduo. Conforme os artigos 6º e 205 da Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988), a educação é um direito fundamental e dever do estado e da família, com a participação e colaboração da sociedade, visa o desenvolvimento pleno, o preparo do sujeito para exercer a cidadania e para o mercado de trabalho.

O município de Lages, no Planalto Catarinense, sul do Brasil, é um centro regional de educação que recebe alunos de diversos estados brasileiros, pois possui várias instituições de

ensino superior e técnico, além das escolas de educação básica e infantil. A taxa de escolarização de crianças entre 6 e 14 anos de idade foi estimada em 97,3% (IBGE, 2010) e o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) anos finais do ensino fundamental da rede pública em 4,2 (IBGE, 2017). O estado de Santa Catarina implantou o Ensino Fundamental com duração de nove anos em 2007, via decreto 4.804/2006, considerando a Lei nº 11.274/2006, é a segunda etapa da Educação Básica, composta pelos anos iniciais (faixa etária de 6 a 10 anos) e pelos anos finais (faixa etária de 11 a 14 anos) (SED/SC, 2022). É ofertado prioritariamente pelos municípios (LDB, 1996, Artigo 11, inciso V), em colaboração com os Estados, respeitada as distribuições proporcionais das responsabilidades e dos recursos financeiros em cada uma das esferas do Poder Público (LDB, 1996, Artigo 10, Inciso II) (SED/SC, 2022). A Resolução nº 7, de 14 de dezembro de 2010, que fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de nove anos, em seu artigo 5º diz: “o direito à educação, entendido como um direito inalienável do ser humano, constitui o fundamento maior destas Diretrizes. A educação, ao proporcionar o desenvolvimento do potencial humano, permite o exercício dos direitos civis, políticos, sociais e do direito à diferença, sendo ela mesma também um direito social, e possibilita a formação cidadã e o usufruto dos bens sociais e culturais” (SED/SC, 2022).

Historicamente, vivenciamos expectativas em relação ao papel do ambiente escolar, como espaço norteador de possibilidades, oportunidades, trocas, vivências, ensino e aprendizagem para crianças e adolescentes. Percebe-se que estudos sobre a socialização dos adolescentes que consideram o ambiente escolar e a pandemia COVID-19, ainda necessitam ser mais abrangentes e aprofundados. Portanto, deve-se ter um olhar interdisciplinar na formação dos jovens, incluindo-se o processo educativo em si e a saúde psicossocial no curso desse processo. As demandas do contexto atual da humanidade, constante e repleta de mudanças, desafios, novos entendimentos e descobertas, apontam a necessidade de entrelaçar diversos saberes. Estes em prol do enriquecimento da ciência com novas perspectivas de conhecimento e ampliação de possibilidades de propostas de resolução ou prevenção de problemas latentes no momento atual, pois estão carentes de uma ação interdisciplinar pela sua complexidade.

Assim, ressalta-se a relevância da aplicação prática desse pensar para analisar impactos de uma pandemia que afetou todos os segmentos/setores da sociedade e de modo particular os adolescentes, a nível mundial. Considerar a possibilidade de interação e integração de diferentes saberes nas nossas práticas de produção de conhecimento e atuação profissional que

oportunizem a ampliação de conhecimento abrangentes. Este para interpretar melhor a realidade complexa que vivenciamos e conseqüentemente possibilitar maior entendimento, compreensão e possibilidades e estratégias de mudanças necessárias.

A seguir, será apresentada a pesquisa que caracterizou os impactos da pandemia COVID-19 na socialização de adolescentes em três ambientes escolares no município de Lages, SC, no período de maior isolamento social em 2020.

3 ARTIGO - SOCIALIZAÇÃO DE ADOLESCENTES DURANTE A PANDEMIA COVID-19 NO AMBIENTE ESCOLAR

Resumo

A pandemia da COVID-19 transformou as relações humanas. A convivência/socialização é considerada um aspecto significativo na formação socioemocional dos adolescentes. Essa fase de desenvolvimento é responsável pela formação de aspectos relacionados a identidade construída nos vínculos familiares e por meio de contribuição significativa dos pares (amigos e colegas). O objetivo dessa pesquisa foi caracterizar impactos da pandemia COVID-19 na socialização de adolescentes em três ambientes escolares no município de Lages, SC, no período de maior isolamento social em 2020. O estudo foi descritivo, transversal, com abordagem quantitativa e coleta de dados a campo em três ambientes escolares (uma escola pública estadual, um colégio público militar e um colégio privado). Após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética e autorização dos gestores dos ambientes escolares, foi coletada a assinatura da família no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e do adolescente no Termo de Assentimento. A coleta de dados foi realizada de setembro a outubro de 2022 com aplicação de 106 questionários aos adolescentes com idade de 13 e 15 anos, compostos de 50 perguntas estruturadas sobre dados sociodemográficos, formas e estratégias de comunicação dos adolescentes para a socialização em face a pandemia COVID-19 e o apoio/participação da família na socialização dos adolescentes durante esse período. Dados foram tabulados e organizados em planilha e as análises estatísticas descritivas realizadas com auxílio do programa SPSS® e os resultados apresentados em Figuras e Tabelas. Comparações entre os três tipos de escola quanto aos meios tecnológicos de acesso a informação e modalidade de aulas/atividades foram avaliados por meio do teste Qui-quadrado, adotando-se um nível de confiança de 95% ($p \leq 0,05$). A análise dos dados apontou que 87,7% dos adolescentes aderiram ao distanciamento e isolamento social durante a pandemia em 2020. Essa afetou emocionalmente 84% dos participantes, sendo que 67,9% sentiram-se ansiosos, 52,8% tristes e 46,2% irritados. Quanto a socialização, 50,9% dos adolescentes reduziram um pouco o contato presencial com os amigos, 89,6% mantiveram amigos próximos, 48,1% sentiram-se sozinhos, 32,1% tiveram apoio da família e 39,6% a pandemia os aproximou dos familiares. Conclui-se que apesar da pandemia ter causado impactos na socialização e saúde mental dos adolescentes, destacaram-se dados da conscientização em relação ao distanciamento social para a prevenção

de doenças, maior convivência com familiares e diversificação de atividades de lazer antes não muito exploradas em prol da busca de qualidade de vida nesse período.

Palavras-chave: Adolescente. Pandemia COVID-19. Socialização. Desenvolvimento Humano. Ambiente Escolar.

3.1 Introdução

O distanciamento social é considerado uma medida de saúde pública eficaz para a contenção da pandemia COVID-19, no entanto causou impactos socioeconômicos, culturais e na saúde mental dos indivíduos (MALTA *et al.*, 2021). A socialização é um processo contínuo de comunicação e de convivência que oportuniza aprendizagens, novos hábitos, valores e torna o indivíduo um membro funcional da comunidade (MAGNANI, 2012). A interação social é essencial para a formação socioemocional dos jovens, sendo a adolescência caracterizada pelo desenvolvimento da identidade, solidificação da personalidade e ampliação da autonomia, que são construídas pelos vínculos familiares, convivência com os pares e com a comunidade em geral (RODRIGUES *et al.*, 2017).

Mudanças no comportamento e no estilo de vida dos adolescentes na ausência da rotina escolar e em necessidade de distanciamento físico foram apontadas por Rodrigues *et al.* (2017) e Malta *et al.* (2021), como ficar menos ativo fisicamente, fazer maior uso de telas, apresentar problemas do sono e piora de hábitos na alimentação. Esses fatores também estão relacionados à incerteza sobre a evolução dessa pandemia, à privação de maior contato com familiares, amigos e professores, à restrição da liberdade, às mudanças da rotina de vida e às dificuldades financeiras (MALTA *et al.*, 2021). Essas alterações psicossociais podem influenciar o desenvolvimento dos adolescentes, pois a privação social é um fator de risco para o agravamento da saúde mental, incluindo sintomas depressivos, angústia, medo e estresse (RODRIGUES *et al.*, 2017).

A adolescência é a fase do desenvolvimento que antecede à entrada na vida adulta, ocorre a transição para a independência e a consolidação da autonomia (PAPALIA; FELDMAN, 2013). Ocorrem consecutivos conflitos identitários relacionados à individuação face à família, implicando a autonomia (SANTOS, 2021). Em paralelo há identificação do adolescente com o grupo de pares a partir da variedade de relacionamentos que constroem uma competência social que implicará nos relacionamentos futuros (BEE; BOYD, 2011). Estes desafios demandam uma resolução equilibrada para que a entrada na fase adulta aconteça de

forma adaptativa (PAPALIA; FELDMAN, 2013). Na concepção walloniana, o psiquismo é produzido historicamente pelos próprios homens no interior das relações que estabelecem entre si e com a natureza (TEIXEIRA, 2003).

Ao participar de outros ambientes fora do contexto familiar, como exemplo a escola, os adolescentes formam e ampliam a sua rede de relações interpessoais, o que evidencia os efeitos diretos e indiretos gerados do contexto amplo da época em que a adolescência é vivida (SENNA; DESSEN, 2012). Sendo assim, a adolescência é um período de transformações significativas que repercutem no próprio indivíduo, na sua família e na comunidade (FERREIRA; FARIAS; SILVARES, 2010).

Identificar impactos dessa pandemia na saúde mental dos adolescentes é relevante para nortear e subsidiar novas ações e estratégias preventivas e de apoio no ambiente escolar e familiar, visando minimizar os efeitos do distanciamento social prolongado. O objetivo deste estudo foi caracterizar impactos da pandemia COVID-19 na socialização de adolescentes em três ambientes escolares no município de Lages, SC, no período de maior isolamento social em 2020. Portanto, evidencia-se a relevância social e acadêmica dessa temática que envolve socialização, ambiente e saúde pública.

3.2 Percurso Metodológico

O estudo foi de natureza descritiva, transversal, com abordagem quantitativa e coleta de dados em três ambientes escolares localizados no município de Lages, SC que foram: um colégio privado, uma escola pública estadual e um colégio público militar.

O colégio privado selecionado para a pesquisa tem a missão diária há 121 anos de transformar pessoas, mudar vidas e tornar o ser muito mais humano e capaz. Pauta-se na educação de 1480 alunos, dentre eles, crianças, adolescentes e jovens, da educação infantil ao ensino médio, com valorização de projetos sociais que despertam solidariedade, fomentando a ajuda ao próximo e à fraternidade.

A escola pública estadual tem como objetivo a formação básica do indivíduo, mediante o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo. A compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade. O desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores. O fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de

solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social, conforme o Artigo 32 da LDB (SED/SC, 2022). Foi fundada em 1967 e abrange estudantes do 1º ano do ensino fundamental ao ensino médio, sendo este composto pelo 4º ano com conclusão de curso de magistério de educação infantil e séries iniciais, totalizando 1161 estudantes.

Para a seleção desses dois ambientes considerou-se questões de logística, custos e o aceite em participar da pesquisa. Destaca-se que escola pública municipal não participou do estudo por não apresentar 9ºs anos do Ensino Fundamental.

O colégio público militar possui diretrizes das Polícias Militares Estaduais ou Forças Armadas, conforme os colégios militares brasileiros, sem modificar o Programa de Matérias estabelecido pela Secretaria de Educação. Rege-se pela disciplina fundamentada no autoconhecimento, na conscientização e na expansão dos próprios limites como fator de crescimento pessoal. Iniciou suas atividades em 2016 e atualmente é constituído por 400 estudantes, sendo estes do 6º ano do ensino fundamental anos finais ao ensino médio.

A escolha da população para a pesquisa embasa-se em observações na prática profissional da pesquisadora, primeira autora, como psicóloga escolar, a qual tem percebido nos adolescentes dos 9ºs anos do Ensino Fundamental intensa mudança nas vivências relacionadas à socialização e saúde mental. Os participantes deste estudo, como critério de inclusão, foram adolescentes com 13 a 15 anos de idade, no ano de 2020, que estavam matriculados no 9º ano do Ensino Fundamental nos três ambientes escolares do município de Lages, SC.

Foram respeitados todos os aspectos éticos durante o desenvolvimento da pesquisa e coleta de dados dos envolvidos, sendo respeitados os limites da privacidade e legalidade. O projeto de pesquisa foi registrado na Plataforma Brasil e encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa da UNIPLAC, conforme preconizam a Resoluções 510/16 do Conselho Nacional de Saúde, sendo aprovado em 10/05/2022 sob Parecer nº 5.399.466 (Anexo A).

Após aprovação pelo comitê de ética acima citado, procedeu-se ao contato telefônico prévio com os três ambientes escolares, identificou-se um total de 286 estudantes adolescentes. Desses, 113 aceitaram participar da pesquisa. O estudo foi finalizado com 106 adolescentes que responderam o questionário: 39 do colégio privado, 37 da escola pública estadual e 30 do colégio público militar.

Os critérios de exclusão adotados para a seleção dos participantes na mostra de pesquisa foram (a) adolescentes com idade compatível à faixa etária de 13 a 15 anos que embora matriculados no 9º ano do Ensino Fundamental no ano de 2020, não mais frequentam a

respectiva escola, (b) adolescentes matriculados no 9º ano do Ensino Fundamental no ano de 2020, que não atendem à faixa etária de 13 a 15 anos e (c) atendiam plenamente os critérios de inclusão e aceitavam participar da pesquisa, mas não finalizaram a o processo de coleta de dados ou por desistência ou por incompletude das informações.

A adesão dos três ambientes escolares a este estudo foi realizada entre março e abril de 2022, mediante o aceite dos gestores/diretores e da Coordenadoria Regional de Educação de Lages/SC, após analisarem a cópia impressa do projeto de pesquisa que foi disponibilizada, bem como o detalhamento verbal complementar realizado sobre os objetivos do estudo, riscos, benefícios e metodologia da pesquisa. Antes da coleta de informações, um dos responsáveis pelo adolescente firmou de forma voluntária a participação do adolescente no estudo, concordando com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Entre maio e agosto de 2022 foi efetivada a adesão dos participantes, mediante o aceite do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) por um de seus responsáveis, que foi informado quanto os objetivos do estudo, riscos, benefícios e metodologia (Apêndice A). Foi assegurado ao participante de pesquisa o direito de não responder qualquer questão, sem necessidade de explicação ou justificativa para tal, podendo também se retirar da pesquisa a qualquer momento, pois não houve perguntas obrigatórias a serem respondidas.

Os dados foram coletados por meio de questionário impresso entre setembro e outubro de 2022, nos três ambientes escolares, em local privado e seguindo o protocolo de distanciamento social devido a pandemia COVID-19, conforme agendamento prévio e disponibilidade dos mesmos. A aplicação do questionário teve duração média de 30 minutos, no formato impresso.

O questionário foi composto por 50 questões de múltipla escolha fechadas e algumas abertas sobre os dados sociodemográficos das famílias, formas e estratégias de comunicação dos adolescentes para a socialização em face a pandemia COVID-19 em 2020 e o apoio/participação da família nessa socialização (Tabela 1) (Apêndice C).

O questionário foi elaborado usando como referencial o questionário ConVid - Pesquisa de Comportamentos Adolescentes (FIOCRUZ, 2020), pesquisa regulamentada pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa para Seres Humanos (CONEP) do Ministério da Saúde e o questionário sobre Sentimentos e Atitudes de Adolescentes no Isolamento Social em Período da Pandemia por Coronavírus (SÁ; ROSA; TARDIVO, 2020). Foram consideradas as perguntas dos questionários relacionadas aos objetivos da pesquisa (APÊNDICE C).

No quadro 1 estão apresentadas as questões do questionário que respondem aos objetivos propostos.

Tabela 1. Distribuição das questões no questionário para alcançar os respectivos objetivos da pesquisa.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	QUESTÕES RELATIVAS
Levantar características sociodemográficas das famílias dos adolescentes selecionados para o estudo	1 a 15, 17, 18, 19
Identificar as formas e estratégias de comunicação dos adolescentes para a socialização em face à pandemia COVID-19	16, 35, 36, 42, 43, 45 a 50
Verificar o apoio/participação da família na socialização dos adolescentes durante a pandemia COVID-19	27, 34, 37 a 39, 44
Qualidade de vida	28 a 33, 40, 41
Comparativo entre escolas	19, 20 a 27

Fonte: Autores, 2022.

O objetivo de pesquisa que se relaciona a qualidade de vida foi inserido no estudo após resultados significativos analisados no questionário.

Os resultados dos questionários foram tabulados sem identificação por nomes ou endereços, de forma a respeitar a privacidade de cada participante e sua confidencialidade, conforme a Resolução nº 510 de 07 de abril de 2016 do Conselho Nacional de Saúde e o OFÍCIO CIRCULAR Nº 2/2021/CONEP/SECNS/MS datado em 24 de fevereiro de 2021. Dados foram tabulados e organizados em planilha e as análises estatísticas descritivas realizadas com auxílio do programa SPSS® e os resultados apresentados em Figuras e Tabelas. Comparações entre os três tipos de escola quanto aos meios tecnológicos de acesso à informação disponíveis e a modalidade de aulas/atividades foram comparadas por meio do teste Qui-quadrado, adotando-se um nível de confiança de 95% ($p \leq 0,05$).

3.3 Resultados/Discussão

Nesta seção, são apresentados os resultados e a discussão da pesquisa realizada, conforme os objetivos do presente estudo no que se refere aos aspectos quantitativos que integraram esta pesquisa.

Características sociodemográficas das famílias dos adolescentes em 2020

Adolescentes entrevistados eram de colégio privado (n=39; 36,8%), colégio público militar (n=30; 28,3%) e de escola pública estadual (n=37; 34,9%). Entre os participantes prevaleceu os do gênero feminino (n=65; 61,3%), seguido do gênero masculino (n=35; 33%) e 6 (5,7%) não declaram seu gênero (Apêndice D).

A maioria dos adolescentes tinha acesso a meios tecnológicos durante a pandemia em 2020 (Tabela 3). Apesar de 24,5% (n=26) dos adolescentes terem dificuldades financeiras durante a pandemia (6, 8 e 12, respectivamente, colégio público militar, colégio privado e escola pública estadual), a maioria tinha acesso a celular (n=104; 98,1%), computador (n=88; 83%), internet residencial *wi-fi* (n=103; 97,2%) e dados móveis de internet (n=84; 79%) (Tabelas 2 e 3). Poucos adolescentes não tinham *wi-fi* ou internet-celular (2 e 3, respectivamente) (Tabela 3). A revolução tecnológica com suas abundantes possibilidades está presente na contemporaneidade, dentre elas o consumo de internet e o uso de telas para acesso a informações, estudos, lazer, comunicação, socialização, dentre outros, em um mundo virtual (FERREIRA; REIS, 2020). Pesquisa realizada no ano de 2020 no Brasil aponta que 83,2% dos domicílios tinham acesso à internet, 98,3% de indivíduos na faixa etária de 10-15 anos acessaram a internet, 83,9% utilizaram a internet para a comunicação e 91,4% realizaram atividades ou pesquisas escolares na internet (CGI, 2020).

Tabela 2. Dificuldades financeiras de adolescentes de 13 a 15 anos, expressos em percentagem do total entrevistado (106), Lages, Santa Catarina, BR.

Manifestação do adolescente	Dificuldades financeiras antes 2020 n (%)	Dificuldades financeiras durante 2020 n (%)
Sim	13 (12,3)	26 (24,5)
Não	75 (70,7)	61 (57,5)
Não sabia	13 (12,3)	14 (13,2)
Não quis informar	5 (4,7)	5 (4,7)

Fonte: Autores, 2022.

Observa-se que quase um quarto (n=26; 24,5%) dos adolescentes da pesquisa apontaram que tiveram dificuldades financeiras durante a pandemia, destes, quase a metade (n=12; 11,3%) eram da escola pública estadual. A pandemia interrompeu as atividades financeiras e econômicas em todo o mundo, criando uma sensação de incerteza entre as massas e sofrimento psíquico (IMRAN; ZESHAN; PERVAIZ, 2020).

Tabela 3. Meios tecnológicos de acesso à informação de adolescentes de 13 a 15 anos em 2020, expressos em porcentagem do total entrevistado, Lages, Santa Catarina, BR.

Manifestação do adolescente	Celular n (%)	Computador n (%)	Internet wi-fi n (%)	Dados móveis internet n (%)
Sim	104 (98,1)	88 (83)	103 (97,2)	84 (79,2)
Não	2 (1,9)	18 (17)	3 (2,28)	22 (20,8)

Fonte: Autores, 2022.

As mães dos adolescentes pesquisados apresentaram maior escolaridade que os pais em relação a pós-graduação concluída, 24,5% (n=26) em relação à 16% (n=17) (Tabela 4). Segundo dados do IBGE (2016), as mulheres atingem em média um nível de instrução superior aos homens, com tendência ao aumento da escolaridade.

Tabela 4. Escolaridade dos pais/responsáveis pelos adolescentes de 13 a 15 anos em 2020, expressos em porcentagem do total entrevistados, Lages, Santa Catarina, BR.

Manifestação do adolescente	Escolaridade do pai/responsável em 2020 n (%)	Escolaridade da mãe/responsável em 2020 n (%)
Não concluiu o Ensino Fundamental	9 (8,5)	5 (4,7)
Ensino Fundamental concluído	9 (8,5)	4 (3,8)
Ensino Médio concluído	32 (30,2)	35 (33)
Ensino Superior Concluído	27 (25,5)	23 (21,7)
Pós-Graduação concluída	17 (16)	26 (24,5)
Não sabia	12 (11,3)	13 (12,3)

Fonte: Autores, 2022.

Formas e estratégias de comunicação dos adolescentes para a socialização em face à pandemia COVID-19

Destaca-se um número expressivo de adolescentes (n=93; 87,7%) que aderiram ao distanciamento e isolamento social durante a pandemia em 2020. Praticamente metade dos participantes (n=54; 50,9%) reduziram o contato com amigos/as e não visitaram idosos, embora continuassem a sair de suas residências. Mais de um quarto (n=39; 36,8%) dos adolescentes ficaram rigorosamente em casa, saindo somente por necessidade de saúde (Tabela 5). Estudos de Oliveira *et al.* (2020) são compatíveis com os achados dessa pesquisa, pois mostram que na

pandemia COVID-19 houve a redução dos encontros dos adolescentes com os seus pares, o que pode ter acarretado no aumento do estresse, de comportamentos negativos e no aumento do uso de tecnologias digitais.

Quanto a privacidade na residência dos adolescentes em 2020, a maioria (n=100; 94,3%) tinha um lugar para ficar sozinho e apenas 6 (5,7%) informaram não ter privacidade (Tabela 5). Esse dado considera-se significativo pelos impactos positivos que gera a privacidade na formação da identidade dos adolescentes. Tozze e Silva (2018) sinalizam que na adolescência há um movimento do indivíduo separar-se momentaneamente dos pais/responsáveis, desde que o ambiente permita, sendo a privacidade parte do desenvolvimento da identidade pessoal e da descoberta do seu papel na sociedade. No entanto, esses autores pontuam que esse desenvolvimento da identidade pode ser prejudicado em razão do confinamento em casa, pois estão convivendo com as mesmas pessoas as quais deveriam estar se diferenciando.

Apesar de apenas 11 (10,4%) adolescentes mencionarem não manter nenhum amigo próximo na pandemia em 2020, quase metade dos pesquisados (n=51; 48,1%) sentiu-se sozinho. Destes, 44 (41,5%) raramente sentiram-se sozinhos, 40 (37,7%) sentiram-se sozinhos na maioria das vezes e 11 (10,4%) sempre ou nunca se sentiram sozinhos (Tabela 5). Estudos como os de Souza *et al.* (2023) e Santos *et al.* (2021) apontam que aumentou a prevalência de problemas de saúde mental durante a pandemia COVID-19, com quadros exacerbados de solidão, ansiedade, tristeza dentre outros.

Tabela 5. Socialização dos adolescentes de 13 a 15 anos em 2020, considerando a privacidade, sentir-se sozinho e restrição social, expressos em número total e respectiva percentagem, Lages, Santa Catarina, BR.

Manifestação do adolescente	n (%)
Privacidade	
Sim	100 (94,3)
Não	6 (5,7)
Sentiu-se sozinho	
Nunca	11 (10,4)
Raramente	44 (41,5)
Na maioria das vezes	40 (37,7)
Sempre	11 (10,4)
Restrição Social	
Não fez restrição de contato presencial, levou vida normal	4 (3,8)

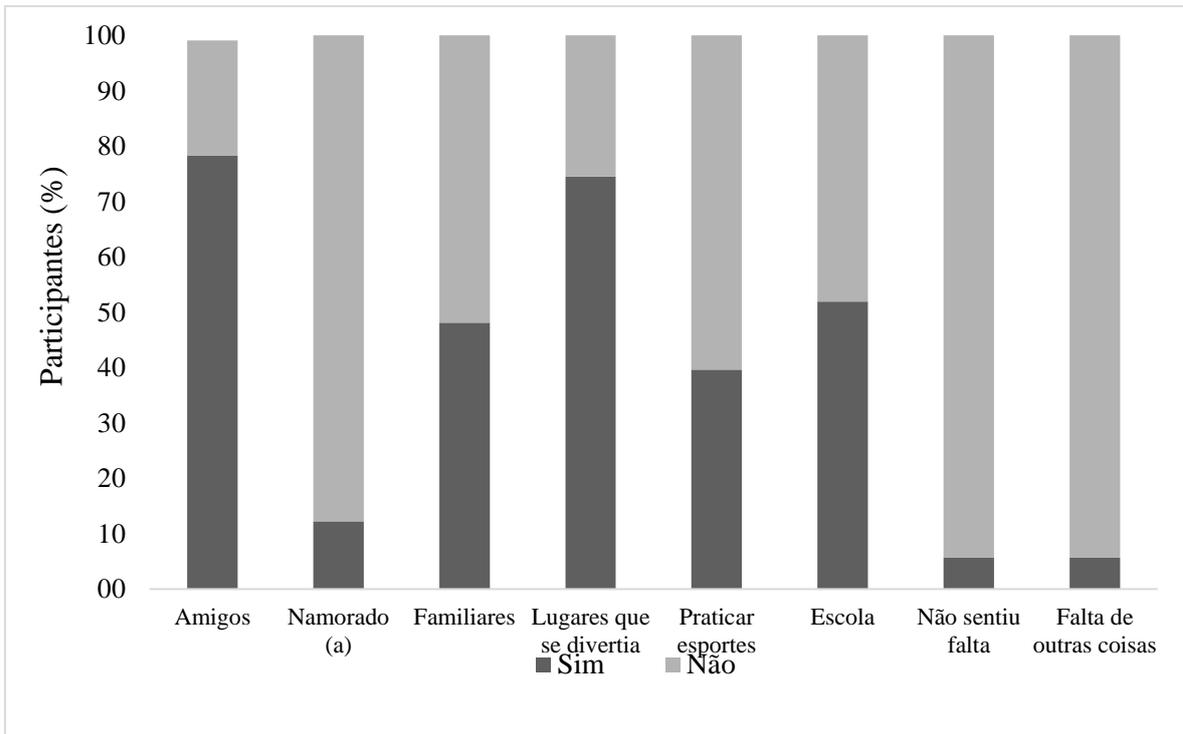
Somente deixou de ir à escola/colégio e seguiu normalmente com outras atividades	9 (8,5)
Procurou tomar cuidados (distanciamento social)	54 (50,9)
Ficou rigorosamente em casa, saindo só por necessidade de saúde	39 (36,8)

Fonte: Autores, 2022.

Durante a pandemia, os adolescentes sentiram falta de encontrar os amigos (n=83; 78,3%) e não poder ir a lugares onde se divertiam (n=79; 74,5%), não ir à escola/colégio (n=55; 51,9%), encontrar familiares próximos (n=51; 48,1%) e praticar esportes ou atividades físicas (n=42; 39,6%) (Figura 1). Vale destacar que as atividades mencionadas estão diretamente relacionadas a certa privação da socialização dos adolescentes em razão da pandemia em 2020, o que também pode estar relacionado ao fato deles terem se sentido sozinhos. Para Wallon, o processo de socialização se dá no contato com o outro nas diversas etapas do desenvolvimento (DOURADO; PRANDINI, 2002). Apesar das medidas de isolamento e distanciamento social serem necessárias durante a pandemia, há indicativos para alerta (BROOKS *et al.*, 2020; SOUZA *et al.*, 2023). Estes autores apontam que o fechamento prolongado da escola e o confinamento em casa durante um surto de doença podem impactar negativamente na rotina dos indivíduos e consequentemente na saúde física e mental de crianças e adolescentes.

Encontrar com namorado (a) foi uma das opções menos mencionadas (n=13; 12,3%). Isso se deve, provavelmente, pela faixa etária dos adolescentes. Também, sentiram falta de outras atividades como viagens, festas, rotina de trabalho e curso, jogar futebol e sair sem máscara (n=6; 5,7%). Apenas 6 (5,7%) adolescentes não sentiram falta de nada durante a pandemia em 2020 (Figura 1). Imran, Zeshan e Pervaiz (2020) apontam que adolescentes podem se sentir desapontados por não poder frequentar festas, atividades escolares, sair com amigos, atividades esportivas, além de não poder visitar parentes. O psiquismo humano, na concepção walloniana, é produzido historicamente pelos próprios homens no interior das relações que estabelecem entre si e com a natureza (TEIXEIRA, 2003).

Figura 1. O que os adolescentes de 13 a 15 anos sentiram falta na sua rotina durante a pandemia em 2020, expressos em percentagem do total entrevistados, Lages, Santa Catarina, BR.



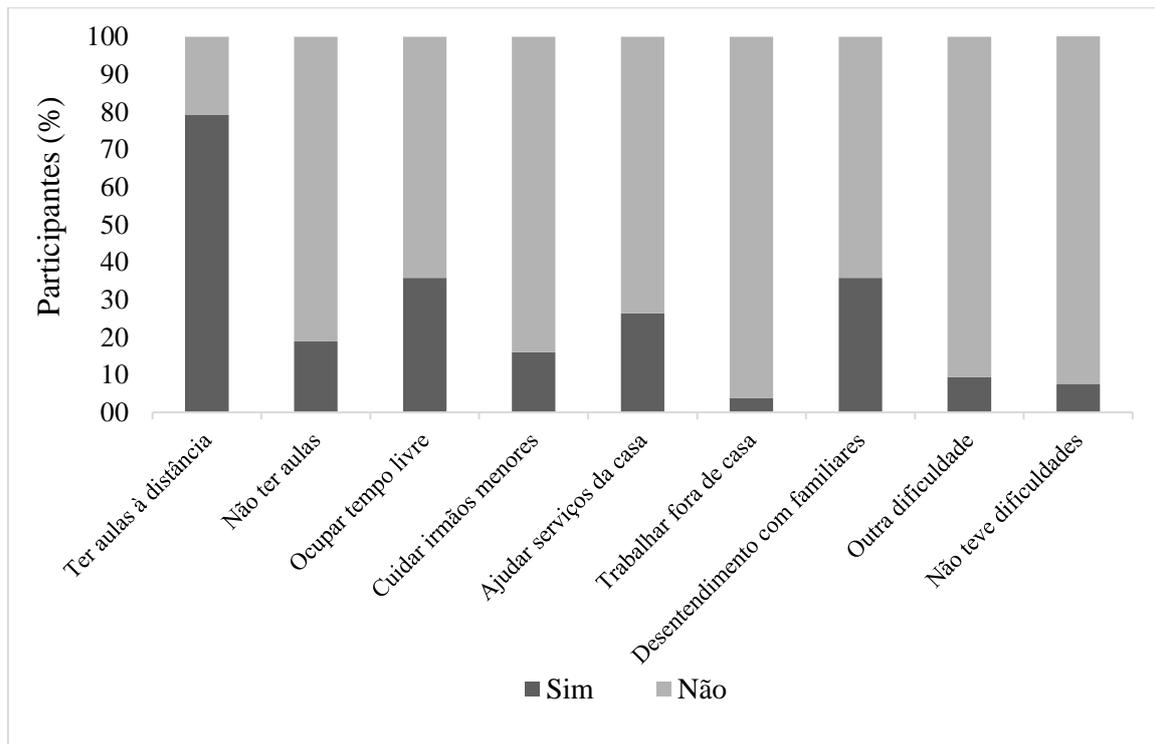
Fonte: Autores, 2022.

Aulas de ensino à distância foram mencionadas por 88 (79,2%) participantes da pesquisa como uma das dificuldades enfrentadas na sua rotina na pandemia em 2020, prevalecendo sobre as demais opções, como ocupar o tempo livre (n=38; 35,8%), desentendimentos com familiares (n=38; 35,8%), ajudar nos serviços de casa (n=28; 26,4%) e cuidar de irmãos menores (n=17; 16%) também foram dificuldades enfrentadas pelos adolescentes na sua rotina em 2020 (Figura 2). Alves e Faria (2020) alertam alguns desafios em decorrência à pandemia COVID-19, dentre eles a dificuldade de adaptação dos alunos ao estudo em casa com o uso de tecnologias digitais, a falta de espaço físico, sentimento de solidão por falta de interação com os colegas e problemas financeiros dos pais/responsáveis.

Dificuldades como não ter aula presencial, ter poucas aulas online, estudar por conta própria, ser aceito em casa, desvalorização, desregulação do sono, nervosismo, ansiedade, solidão, piora emocional, fobia social, depressão severa, socialização e isolamento social durante a pandemia foram sinalizadas por 10 (9,4%) adolescentes. Evidencia-se que todas as dificuldades relatadas estão relacionadas ao contexto escolar e familiar, socialização e aspectos emocionais. Apenas 8 (7,6%) adolescentes não tiveram dificuldades durante a pandemia em 2020 (Figura 2). Estudos mencionam que crianças fora da escola são menos ativas fisicamente, ficam mais tempo usando telas, apresentam padrões de sono irregulares e alteração nas dietas

(BRAZENDALE *et al.*, 2017; WANG *et al.*, 2019; SANTOS *et al.*, 2021). Ainda segundo os autores esses efeitos negativos para a saúde podem piorar quando os indivíduos estão confinados em casa e privados de atividades ao ar livre e interação com os pares.

Figura 2. Dificuldades enfrentadas pelos adolescentes de 13 a 15 anos na sua rotina em 2020, expressos em percentagem do total entrevistados, Lages, Santa Catarina, BR.



Fonte: Autores, 2022.

Parte significativa do tempo livre dos adolescentes, no período de pandemia, foi ocupado por atividades realizadas com o uso de telas. A maioria dos adolescentes assistiu filmes e séries e escutou música (n=95; 89,6%), jogou online no videogame/computadores/celulares (n=84; 79,2%), dormiu (n=81; 76,4%), assistiu YouTube ou transmissões ao vivo (n=75; 70,8%) e conversou com amigos nas redes sociais (n=73; 68,9%) (Figura 3). Estudos de Rocha *et al.* (2021) apontam o aumento do tempo no celular, sendo um tipo de alteração de comportamento apresentado pelos adolescentes. No entanto, o aumento do tempo de exposição a telas gera prejuízos na saúde física e emocional de adolescentes como dificuldade de dormir, preocupação, tristeza, irritabilidade, ansiedade, queda no rendimento escolar, dentre outros (NEUMANN; KALFELS; SCHMALZ, 2020). Corroboram estudos de Siqueira e Freire (2019)

ao sinalizar que o excesso de utilização de aparelhos eletrônicos afasta as pessoas do mundo real e também do contato entre os indivíduos.

Os adolescentes, ainda, ajudavam em atividades domésticas (n=66; 62,3%), desenhavam (n=38; 35,8%), usavam redes sociais para conversar com desconhecidos (n=35; 33%) e liam (n=32; 30,2%) (Figura 3). Nota-se que as atividades realizadas no tempo livre dos adolescentes na pandemia em 2020 estão equilibradas entre atividades individualizadas e de interação/socialização. Magnani (2012) ressalta a socialização como um processo contínuo de comunicação e interação que oportuniza aprendizagens, novos hábitos, valores e torna o indivíduo um membro funcional da comunidade.

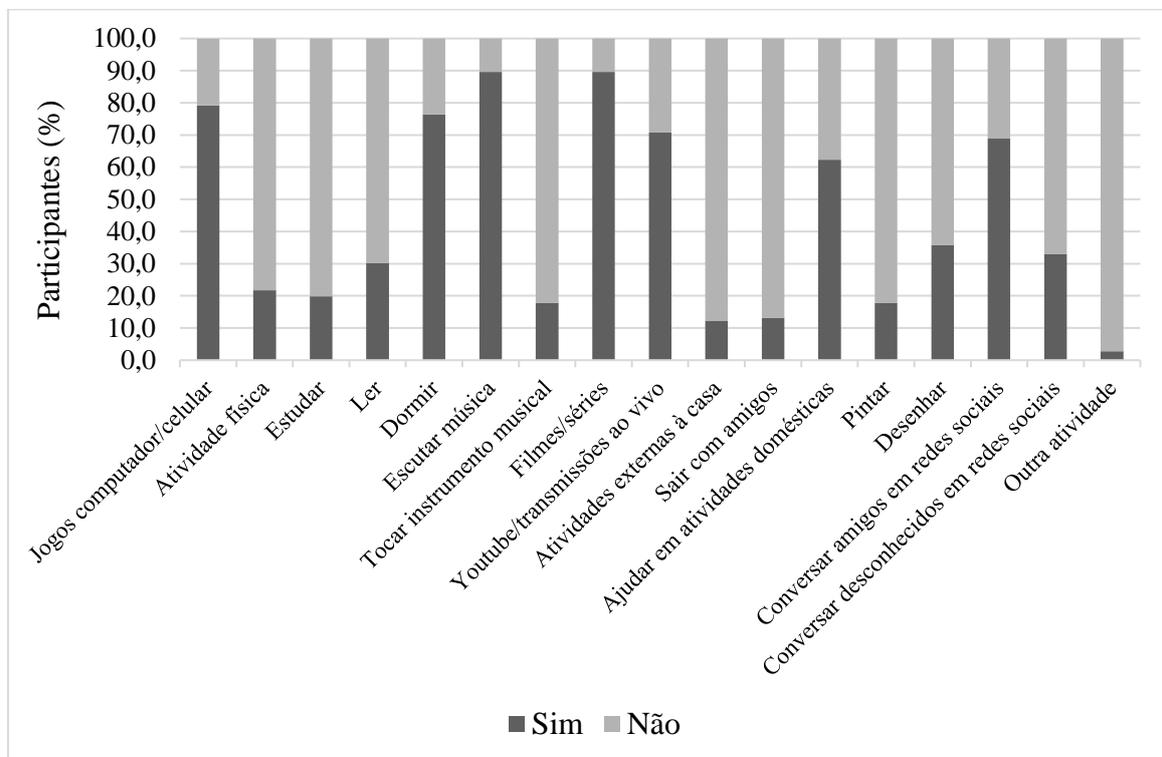
No entanto, vale ressaltar que as atividades mais realizadas no tempo livre dos adolescentes estão relacionados ao uso de telas, isto pode justificar o aumento significativo do número de horas de acesso a telas na comparação de dados relacionados a acesso antes da pandemia em 2020 (de 1-5horas: 67 (63,2%) respostas; de 6-10horas: 27 (25,5%) respostas; de 11-15horas: 7 (6,6%) respostas; de 16-20horas: 1 (0,9%) resposta) em comparação com durante a pandemia em 2020 (de 1-5horas: 13 (12,3%) respostas; de 6-10horas: 44 (41,5%) respostas; de 11-15horas: 35 (33%) respostas, de 16-20horas: 8 (7,5%) respostas), o que pode estar relacionado as atividades detalhadas acima. De acordo com Wang *et al.* (2020), o impedimento de atividades ao ar livre aumenta o uso de meios tecnológicos. A compulsão por atividades ligadas à internet é um dos impactos causados pela intensidade de acesso aos meios tecnológicos, podendo manifestar sintomas no corpo e na mente, sendo os de ordem psicológica os mais significativos como irritabilidade e ansiedade (MÉA; BIFFE; FERREIRA, 2016).

Cauberghe *et al.* (2021) destacam que limitar o tempo de uso de mídias sociais diminui os sentimentos de solidão e ansiedade. O uso excessivo da internet substitui a convivência e interação pessoal por diálogos e mensagens individuais em mídias sociais diversas, visto que a rede de contatos online não é considerada suficiente para a socialização dos adolescentes, pois pode também facilitar o afastamento social (XAVIER *et al.*, 2018), vulnerabilidade a predadores online e à conteúdos potencialmente prejudiciais e *cyberbullying* (IMRAN; ZESHAN; PERVAIZ, 2020).

Com menor frequência foram indicadas as atividades de educação física (n=23; 21,7%), estudo (n=21; 19,8%), tocar instrumento musical (n=19; 17,9%), pintar (n=19; 17,9%), sair com amigos (n=14; 13,2%) e sair de casa para fazer atividades diversas (n=13; 12,3%) (Figura 3). Esses dados são compatíveis com as informações relacionadas a quantidade de adolescentes que aderiu ao distanciamento/isolamento social (n=93; 87,7 %) (Tabela 5). A necessidade do

isolamento social, utilizado como medida protetiva para conter a expansão da COVID-19, obrigou muitas pessoas a interromperem suas atividades presenciais e se adaptarem às mudanças, como exemplo, as formas de interação social, sendo a internet um dos recursos utilizados para esse fim (XAVIER *et al.*, 2018). Assim, este meio de acesso à comunicação, tornou-se o único meio disponível para a manutenção das relações diante uma pandemia e potencializou o uso de telas (ROCHA *et al.*, 2021; SANTOS *et al.*, 2021).

Figura 3. Atividades dos adolescentes de 13 a 15 anos no seu tempo livre em 2020, expressos em percentagem do total entrevistados, Lages, Santa Catarina, BR.



Fonte: Autores, 2022.

Dados da pesquisa apontam que algumas atividades, atitudes e comportamentos desenvolvidos durante a pandemia em 2020 foram mantidos pelos adolescentes até serem entrevistados (2022), prevaleceu os cuidados com a higiene (n=33; 31%), ou seja, preocupação com a saúde e não disseminação da doença COVID-19. Essa é uma doença respiratória aguda, causada pelo vírus SARS-CoV-2 e sua contaminação acontece através de gotículas do vírus ativo, que pode ser transmitido entre indivíduos ou através de objetos contaminados (WU *et al.*, 2020). Ramos *et al.* (2020) destacam que o ambiente escolar já trabalhava temas como alimentação saudável e as práticas de higiene como alternativas à saúde humana. Os mesmos

autores sugerem que em face a pandemia, outros assuntos relacionados à ocorrência, disseminação e prevenção a epidemias e pandemias podem ser trabalhados em sala de aula. E essas informações podem ter contribuído para a conscientização dos adolescentes sobre os cuidados com a saúde.

Além de cuidados com a saúde, atividades de lazer e socialização se mantiveram após 2020, com destaque, o hábito de leitura (n=15; 14,1%), assistir séries/filmes/YouTube (n=14; 13,2%) e conversar com amigos nas redes sociais (n=10; 9,4%). Também mencionaram atividades como usar celular e desenhar (n=9; 8,5%), atividade física e jogos online (n=8; 7,5%), aproximação com os familiares e distanciamento social (n=6; 5,6%), socializar, pintar/cortar cabelo e escutar música (n=5; 4,7%), assim como, uso de máscara, cuidados com a alimentação e escrever. Dois (1,9%) adolescentes relataram sair com amigos, dançar, estudar online e estudar. Bittencourt (2020) pontua que o uso de tecnologias utilizado para assistir filmes, ouvir músicas, estudar ou fortalecer os laços familiares, assim como a realização de exercícios físicos, leituras, meditações, orações, manutenção da casa, dentre outros, foi uma forma de vencer as adversidades existenciais impostas pela pandemia em busca de qualidade de vida no período de distanciamento físico.

Algumas dificuldades relacionadas à socialização, qualidade do sono, estudos e aspectos emocionais permaneceram após 2020, como ansiedade e uso de computador (n=4; 3,8%), dificuldade para socializar (n=2; 1,9%), assim como insônia, introspecção e dormir ao dia. Dois (1,9%) adolescentes relataram conversar com desconhecidos nas redes sociais, piora da rotina de estudos e mudança na vida. Saurabh e Ranjan (2020) já sinalizaram que as medidas de isolamento em prol da redução de casos da doença, deixou efeitos secundários preocupantes relacionados ao sofrimento psicológico.

Apesar da permanência de algumas dificuldades relacionadas à saúde mental/aspectos emocionais, estudos e socialização após a pandemia em 2020, os adolescentes também investiram em atividades de autocuidado, saúde emocional, lazer e socialização, não utilizando apenas meios de acesso tecnológico. Vale reiterar que esses dados são compatíveis com as reflexões de Bittencourt (2020) sobre a pandemia e o isolamento social, ou seja, estratégias que foram utilizadas para enfrentar esses desafios.

Apenas 2 (1,9%) adolescentes mantiveram todas as atividades/atitudes e comportamentos desenvolvidos durante a pandemia em 2020, 6 (5,7%) não mantiveram nenhuma, 2 (1,9%) não souberam dizer e 1 (0,9%) adolescente não lembrava. Evidencia-se que além de atividades de lazer, de socialização, de cuidados com a saúde física e mental mantidas

após a pandemia COVID-19 em 2020, persistiram algumas dificuldades relacionadas à socialização, qualidade do sono, estudos e aspectos emocionais. Loades *et al.* (2020) destacam que os adolescentes são mais propensos a experimentar altas taxas de depressão e ansiedade durante e após o término do isolamento forçado, podendo aumentar à medida que esse isolamento continua.

Os adolescentes opinaram sobre a importância de aderir ao distanciamento social em 2020. Concordaram e acharam importante colaborar para a não disseminação do Coronavírus (n=86; 81,1%) e os demais (n=20; 18,9%) concordaram parcialmente e acharam que deveriam reduzir apenas algumas atividades. Esse relato está de acordo com a quantidade de adolescentes que aderiu ao distanciamento/isolamento social (n=93; 87,7%). Destaca-se que os resultados contrapõem pesquisas como de Saurabh e Ranjan (2020), pois apontam que a maioria das crianças e dos adolescentes não seguiram as regras estabelecidas para evitar a disseminação do Coronavírus. Malta *et al.* (2021) pontuam que o distanciamento social é eficaz para a contenção da pandemia COVID-19, no entanto causou impactos socioeconômicos, culturais e na saúde mental dos indivíduos. Nunes *et al.* (2021) apontam a importância da abordagem da saúde na escola como estratégia de conscientização sobre prevenção de doenças e qualidade de vida, principalmente em face à pandemia, que demandou a adoção de novas práticas no campo da higiene, nutrição e meio ambiente.

Apoio/participação da família na socialização dos adolescentes durante a pandemia COVID-19

Número expressivo de adolescentes realizou as atividades escolares com autonomia, pois declararam que nunca pediram ajuda aos pais/responsáveis (n=47; 44,3%), seguido de poucas vezes (n=42; 39,6%). Diferente dos resultados encontrados no presente estudo, Gatti (2020) alerta que uma quantidade significativa de alunos não pôde contar com o apoio mais efetivo dos pais/responsáveis, seja pelo nível educacional dos mesmos, ou por trabalharem em funções prioritárias durante o isolamento na pandemia COVID-19.

Os adolescentes desta pesquisa ainda mencionaram sobre outros tipos de apoio familiar (pais, irmãos, primos e avós) recebido na pandemia em 2020, em poucas respostas amigos foram mencionados. Apoio como conversa foi apontada por 30 (28,3%) adolescentes, carinho (n=14; 13,2%), apoio emocional (n=7; 6,6%) e companhia (n=7; 6,6%), motivação (n=5; 4,7%), convivência familiar (n=4; 3,8%), ter atenção dos familiares (n=4; 3,8%), apoio em momentos de ansiedade (n=4; 3,8%), união familiar (n=3; 2,8%), financeiro (n=3; 2,8%), compreensão

(n=2; 1,9%), oportunizar psicólogo (n=2; 1,9%), preocupação com o adolescente (n=1; 0,9%), segurança (n=1; 0,9%), acolhimento (n=1; 0,9%), conselhos (n=1; 0,9%), tempo de qualidade (n=1; 0,9%), apoio para ir ao mercado (n=1; 0,9%), cuidados com a pandemia (n=1; 0,9%) e chamada de vídeo com familiares (n=1; 0,9%). Apenas 5 (4,7%) adolescentes informaram não ter nenhum tipo de apoio familiar e um (0,9%) mencionou brigas. Imran, Zeshan e Pervaiz (2020) ressaltam que os adolescentes também são sensíveis ao estado emocional dos adultos ao seu redor, sendo eles sua fonte essencial de segurança e bem-estar emocional. Prime, Wide e Browne (2020) apontam que a preservação do relacionamento entre irmãos torna-se ainda mais importante para lidar com sucesso com potenciais estressores da pandemia COVID-19.

A pandemia interferiu na convivência familiar dos adolescentes, de modo que um quarto (n=28; 26,4%) informou que estava com alguns conflitos que surgiram ou pioraram durante a pandemia, bem como já existiam antes da pandemia (n=28; 26,4%). Por outro lado, quase metade dos entrevistados (n=42; 39,6%) declarou que estavam todos em harmonia e o isolamento social os aproximou (Tabela 6). Apesar dos adolescentes mencionarem a existência de conflitos no ambiente familiar durante a pandemia, uma parcela significativa também teve impactos positivos pela maior aproximação, com melhoras na convivência familiar (n=42; 39,6%). Tozze e Silva (2018) sinalizam que em situações de confinamento os limites de privacidade dos indivíduos podem se tornar confusos e impactar na construção da identidade pessoal dos adolescentes e no seu sentimento de pertencimento à sociedade. Marques *et al.* (2020) alertam sobre a necessidade de ampliação de estudos sobre as repercussões do distanciamento social no relacionamento interpessoal entre pais e filhos, visto que as estruturas das residências podem ter espaço insuficiente e falta de privacidade, tornando a convivência demasiada. Todos esses acontecimentos podem acarretar e até potencializar conflitos no ambiente familiar (OLIVEIRA *et al.*, 2020). Segundo Santos *et al.* (2022) assim como alguns adolescentes vivenciaram distanciamento afetivo familiar durante a pandemia, outros se (re) aproximaram pela possibilidade de passarem mais tempo juntos, fazerem uso de tecnologias em conjunto, assim como poder fazer as refeições em família.

Sobre o apoio familiar recebido pelos adolescentes nos momentos que se sentiram sozinhos, 54 (50,9%) declararam que raramente o recebiam e 9 (8,5%) nunca tiveram esse apoio (Tabela 6). Apenas 14 (13,2%) adolescentes sempre tiveram apoio, 20 (18,9%) tiveram apoio na maioria das vezes e apenas 9 (8,5%) adolescentes não se sentiram isolados ou sozinhos (Tabela 6). Nota-se que poucos adolescentes nunca tiveram apoio familiar em momentos de solidão, mas quase a metade raramente teve esse apoio. Observa-se que uma parcela

significativa de adolescentes (n=36; 34%) teve o sentimento de que ninguém se preocupava com ele, mas 21 (19,8%) nunca tiveram esse sentimento e 49 (46,2%) raramente (Tabela 6). Miranda *et al.* (2020) alertam que os adolescentes respondem ao estresse, ansiedade e à depressão, como o vivenciado durante a pandemia, que pode ser de maneiras diferentes, pois dependerá do estágio de desenvolvimento, da vulnerabilidade social da família e do acesso aos recursos de atendimento à saúde.

Tabela 6. Impactos do isolamento social durante a pandemia em 2020 na convivência e apoio familiar aos adolescentes de 13 a 15 anos quando também se sentiram sozinhos, expressos em porcentagem do total entrevistados, Lages, SC, BR.

Manifestação do adolescente	n (%)
Convivência Familiar	
Estávamos todos em harmonia e o isolamento social nos aproximou	42 (39,6)
Estávamos com alguns conflitos, que já existiam antes da pandemia	28 (26,4)
Estávamos com alguns conflitos, que surgiram ou pioraram durante a pandemia	28 (26,4)
Outro	7 (6,6)
Nenhuma resposta	1 (0,9)
Apoio familiar em momentos de solidão do adolescente	
Nunca	9 (8,5)
Raramente	54 (50,9)
Na maioria das vezes	20 (18,9)
Sempre	14 (13,2)
Não se sentiu isolado (a) ou sozinho (a)	9 (8,5)
Frequência do sentimento de que ninguém se preocupava com o adolescente	
Nunca	21 (19,8)
Raramente	49 (46,2)
Na maioria das vezes	30 (28,3)
Sempre	6 (5,7)

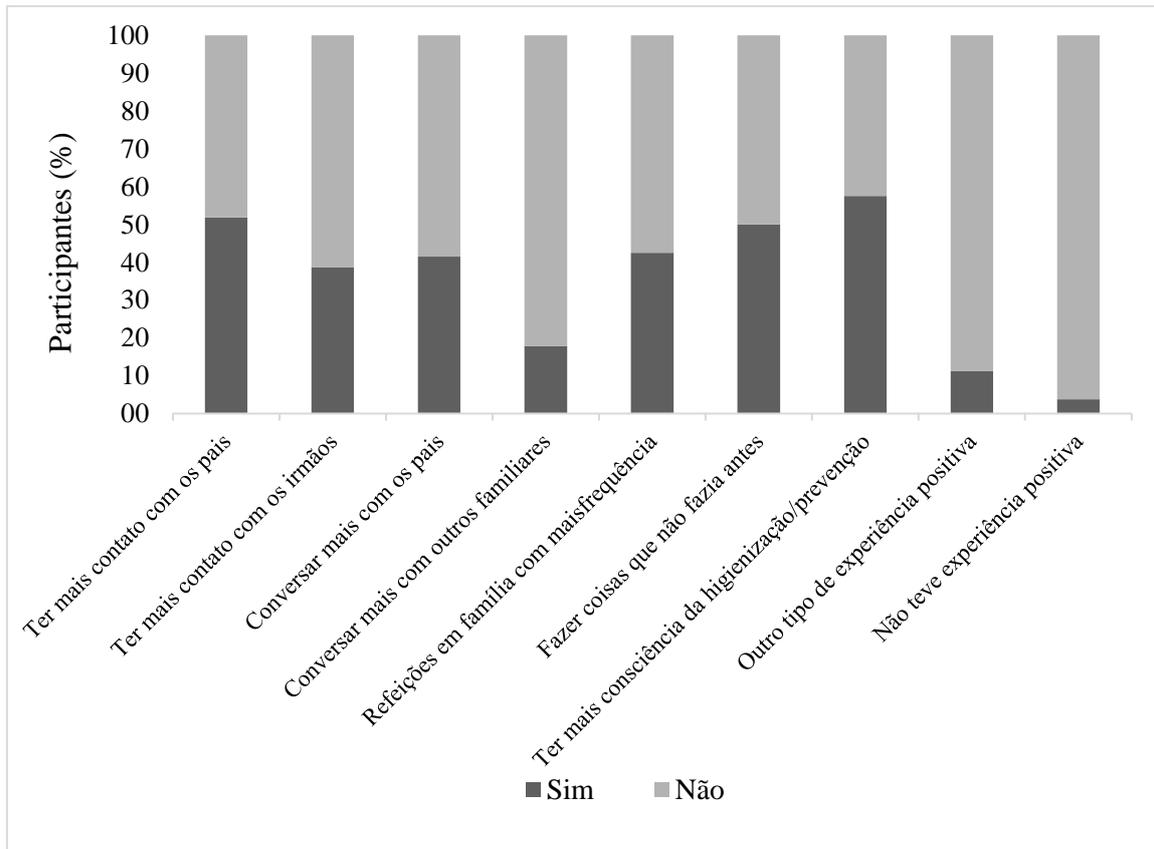
Fonte: Autores, 2022.

A maioria dos adolescentes relatou ao menos uma experiência positiva vivenciada na pandemia em 2020 (n=102; 96,2%), sendo as mais frequentes o cuidado com a higienização para a prevenção de doenças (n=61; 57,5%), bem como ter mais contato com os pais (n=55; 51,9%) (Figura 4). Metade dos adolescentes (n=53; 50%) mencionou como experiência positiva fazer coisas que não tinha tempo de fazer antes, indicando uma diversidade de ocupações: autoconhecimento, testar coisas novas, maquiagens por tédio, aprendizados, almoçar com os

pais, novos hobbies, jogar muito, jogos online com amigos distantes, jogos online com amigos, não ir na aula, assistir filmes, assistir filmes em família, arrumar o roupeiro, arrumar o quarto, dançar, estudar, aprender outra língua, cozinhar, assistir séries, escrever, pintar, desenhar, ler, ajudar em atividades domésticas, caminhada, cuidar de si, atividade física em casa, não ter horário definido para fazer as coisas. Pinheiro *et al.* (2021) mencionam que manter uma rotina de atividades diárias, momentos de lazer em família, limitação de tempo de tela, atividades físicas, dentre outros, são fatores que contribuem na manutenção da saúde mental dos adolescentes, apesar dessas vivências e rotinas terem sido afetadas durante a pandemia.

A realização de refeições em família, foi considerada uma experiência positiva, apontada por 45 (42,5%) adolescentes. Outros 44 (41,5%) conversaram mais com os pais, 41 (38,7%) tiveram mais contato com os irmãos e 19 (17,9%) conversaram mais com outros familiares (Figura 4). Somente 4 (3,8%) adolescentes não tiveram experiência positiva na pandemia em 2020. Evidencia-se que a maioria dos adolescentes vivenciou experiências positivas na pandemia em 2020, relacionadas ao contexto familiar, socialização, lazer, autocuidado e novas aprendizagens. Silva (2020) ressalta que as relações interpessoais são uma ferramenta de aprendizagem emocional, pessoal e social para o adolescente, pois vão impactar na construção de sua autonomia e identidade, seja pelo contato social tradicional ou mesmo por meio das mídias sociais.

Figura 4. Percentual de adolescentes com experiências positivas em 2020 em Lages, Santa Catarina, BR.



Fonte: Autores, 2022.

Qualidade de vida dos adolescentes durante a pandemia em 2020

A pandemia impactou a qualidade do sono, pois ocasionou insônia e sono desregulado (n=52; 49%) nos adolescentes pesquisados (Tabela 7). Do total de participantes, 44 (41,5%) apontaram que a pandemia em 2020 não afetou o sono, pois já dormiam bem e apenas 1 (0,9%) mencionou que já tinha problemas, mas diminuíram. Segundo Manguiera *et al.* (2020) a pandemia impactou a vida dos adolescentes alterando comportamentos, alimentação e padrões de sono, ressaltando que o papel da família para proteção e apoio são indispensáveis nessas situações.

Também houve impacto da pandemia na alimentação, pois causou transtornos alimentares, compulsão e alimentação desregulada (n=36; 33,9%) (Tabela 7). Do total de participantes, 58 (54,7%) informaram que a pandemia em 2020 não afetou a alimentação e apenas 3 (2,8%) mencionaram já ter problemas, mas diminuíram (Tabela 7). Estudos apontam que a falta de interações dos adolescentes com os colegas da escola a cumprir relaciona-se diretamente a prejuízos na saúde, dentre eles, hábitos alimentares desfavoráveis, sono irregular,

atividade física e aumento do uso de telas (NEUMANN; KALFELS; SCHMALZ, 2020; SANTOS *et al.*, 2021).

Evidencia-se nesta pesquisa que os adolescentes tiveram maiores dificuldades relacionadas ao sono (n=52; 49%) do que com a alimentação (n=36; 33,9%) durante a pandemia em 2020.

Tabela 7. Impactos da pandemia na qualidade do sono e da alimentação dos adolescentes de 13 a 15 anos em 2020, expressos em percentagem do total entrevistados, Lages, Santa Catarina, BR.

Manifestação do adolescente	n (%)
Sono	
Não afetou nada, dormia bem	44 (41,5)
Começou a ter problemas	44 (41,5)
Já tinha problemas e continuaram	9 (8,5)
Já tinha problemas e pioraram	8 (7,5)
Já tinha problemas, mas diminuíram	1 (0,9)
Outra	-
Alimentação	
Não afetou nada, alimentava-se bem	58 (54,7)
Começou a ter problemas	24 (22,6)
Já tinha problemas e continuaram	8 (7,5)
Já tinha problemas e pioraram	12 (11,3)
Já tinha problemas, mas diminuíram	3 (2,8)
Outra	1 (0,9)

Fonte: Autores, 2022.

Os dados da pesquisa apontam que a maioria dos adolescentes apresentou piora no estado emocional (n=89; 84%), como ansiedade, tristeza e irritabilidade. Destes, 48 (45,3%) piorou um pouco e 41 (38,7%) piorou muito (Tabela 8). A ansiedade prevaleceu em 72 (67,9%) adolescentes, sentiram tristeza (n=56; 52,8 %) e irritabilidade (n=49; 46,2%) (Tabela 8). As respostas à essas questões do questionário foram de expressão livre dos participantes sem pré-conceituação. Wang *et al.* (2020) apontam que as restrições das atividades ao ar livre aumentam a frequência de uso dos meios tecnológicos que muitas vezes se relaciona a maiores níveis de estresse e ansiedade. O distanciamento social afetou as atividades de interação com os pares, com isso, os adolescentes avaliam negativamente seu status no grupo e nos relacionamentos interpessoais, frustram-se, irritam-se, apresentam tédio e desconexão emocional (IMRAN;

ZESHAN; PERVAIZ, 2020; RACINE *et al.*, 2021; RAVENS-SIEBERER *et al.*, 2022, SOUZA *et al.*, 2023). Costa *et al.* (2021) ressaltam a importância da socialização com os pares para a construção da identidade social e a falta dessas vivências afetará como o adolescente se integrará na sociedade.

Tabela 8. Frequência com que os adolescentes de 13 a 15 anos sentiram tristeza, irritabilidade e ansiedade em 2020, expressos em percentagem do total entrevistados, Lages, Santa Catarina, BR.

Manifestação do adolescente	Tristeza n (%)	Irritabilidade n (%)	Ansiedade n (%)
Nunca	4 (3,8)	2(1,9)	2 (1,9)
Raramente	15 (14,2)	17 (16)	7 (6,6)
Às vezes	30 (28,3)	38 (35,8)	25 (23,6)
Na maioria das vezes	42 (39,6)	37 (34,9)	34 (32,1)
Sempre	14 (13,2)	12 (11,3)	38 (35,8)
Nenhuma resposta	1 (0,9)	-	-

Fonte: Autores, 2022.

Quanto aos dados coletados relacionados a doença COVID-19, 38 (35,8%) adolescentes foram infectados (8 em 2020, 14 em 2021 e 16 em 2022), mas 29 (27,4%) não souberam responder se tiveram a doença. Mais da metade dos adolescentes (n=56; 52,8%) mencionou que o/a familiar com quem reside foi infectado e apenas 8 (7,5%) não souberam responder (Tabela 9). Nota-se que, os adolescentes foram menos infectados do que os seus familiares, o que pode estar relacionado ao fato de uma parcela significativa de adolescentes ter aderido ao distanciamento/isolamento social (n=93; 87,7%) (Tabela 5) e também ter cuidado com a higiene, como já mencionado anteriormente nesse estudo. Estudos apontam que os adolescentes não são considerados população de risco em relação à COVID-19, sendo que no Brasil em 2020 foram registrados 1.207 óbitos, entre menores de 18 anos, destes, 44% eram crianças e adolescentes de 5 a 18 anos (FIOCRUZ, 2021). O boletim epidemiológico da Secretaria de Vigilância em Saúde, do Ministério da Saúde, até a data de 15 de outubro de 2022 informa que a primeira notificação de um caso confirmado de COVID-19 no Brasil foi em 9 de outubro de 2020 e com base nos dados diários informados pelas Secretarias Estaduais de Saúde ao Ministério da Saúde, de 26 de fevereiro de 2020 a 22 de outubro de 2022, foram confirmados 34.782.150 casos e 687.566 óbitos por COVID-19 no Brasil (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2022).

Tabela 9. Adolescentes de 13 a 15 anos que tiveram COVID-19 entre 2020-2022 e familiar com quem reside que teve COVID-19 em 2020 expressos em percentagem do total entrevistados, Lages, Santa Catarina, BR.

Manifestação do adolescente	Adolescente teve COVID-19 n (%)	Familiar com quem reside teve COVID-19 n (%)
Sim	38 (35,8)	56 (52,8)
Não	39 (36,8)	42 (39,6)
Não sabia	29 (27,4)	8 (7,5)

Fonte: Autores, 2022.

Comparativo dos dados dos adolescentes dos três ambientes escolares

Adolescentes da escola pública estadual relataram menor disponibilidade de acesso aos meios tecnológicos em 2020 do que os demais, apesar de quase a totalidade dos adolescentes entrevistados dos três ambientes escolares terem acesso pelo menos à um meio tecnológico de acesso à informação (Tabela 10). Do total de adolescentes entrevistados (n=106; 100 %), apenas 2 (1,9%) da escola pública estadual informaram não possuir celular. Quanto a não possuir computador, 1(0,9%) adolescente do colégio privado, 1 (0,9%) do colégio público militar e 16 (15,1%) da escola pública estadual. Em relação ao acesso à internet *wi-fi* residencial, 1 (0,9%) adolescente do colégio privado e 2 (1,9%) da escola pública estadual declaram não possuir. Sobre o acesso a dados móveis de internet, 6 (5,7%) adolescentes do colégio privado, 6 (5,7%) do colégio público militar e 10 (9,4%) da escola pública estadual declaram não possuir (Tabela 10). Evidencia-se nesses dados o que estudos apontam, ou seja, a persistência de desigualdades digitais que afetam a apropriação das tecnologias e das oportunidades decorrentes da sua adoção por diferentes parcelas da população (CGI, 2020).

Observou-se associação significativa entre o tipo de escola com a disponibilidade de computador ($p \leq 0,001$), sendo que adolescentes que estudam em escola pública estadual, geralmente, não possuem computador, enquanto aqueles de colégios privados possuem computador. O teste Qui-quadrado não apresentou associação significativa entre o tipo de escola e acesso a celular e internet ($p \geq 0,001$). Pesquisas apontam que a migração de atividades presenciais para o ambiente digital é uma consequência das medidas de distanciamento social e ampliam a demanda por internet nos domicílios e conseqüentemente aumentam as atividades realizadas online nesse período (CGI, 2020). O computador se apresenta como um dispositivo restrito a uma parcela da população, estava presente na totalidade dos domicílios de classe A

(100%) e em 85% dos domicílios da classe B, apenas metade dos da classe C (50%) e 13% dos domicílios das classes DE possuíam computador em 2020 (CGI, 2020). Já a presença de internet em domicílios sem computador é uma característica associada a domicílios com nível socioeconômico mais baixo DE (52%) (CGI, 2020).

Tabela 10. Meios tecnológicos de acesso à informação que os adolescentes, de três ambientes escolares, **não possuíam** em 2020, expressos em percentagem do total entrevistados, Lages, Santa Catarina, BR.

Manifestação do adolescente	Escola Pública Estadual n (%)	Colégio Público Militar n (%)	Colégio Privado n (%)
Celular	2 (1,9)	-	-
Computador	16 (15,1)	1 (0,9)	1 (0,9)
Internet <i>wi-fi</i>	2 (1,9)	-	1 (0,9)
Dados móveis internet	10 (9,4)	6(5,7)	6 (5,7)

Fonte: Autores, 2022.

Adolescentes da escola pública estadual tiveram maiores dificuldades financeiras antes (n=7; 6,7%) e durante (n=12; 11,3%) a pandemia que os adolescentes das demais escolas (Tabela 11). Dados da UNICEF (2021) apontam indicadores sobre os impactos da pandemia COVID-19 na renda familiar da população brasileira. A edição de maio de 2021, revelou que 56% (89 milhões de brasileiros) da população teve a renda familiar afetada em relação a antes do início da pandemia e que o maior impacto da pandemia foi na renda de pessoas que residem com crianças ou adolescentes, 64% (UNICEF, 2021). A redução da renda familiar foi mais intensa sobretudo em segmentos da população com nível socioeconômico e de instrução mais baixo, sendo os principais motivos a redução do salário, diminuição em vendas ou clientes, a suspensão temporária do trabalho de alguém da família e a redução das horas de trabalho, também demissões, principalmente em julho de 2020 (UNICEF, 2021).

Tabela 11. Dificuldades financeiras de adolescentes de três ambientes escolares, expressos em percentagem do total entrevistados. Lages, Santa Catarina, BR.

Manifestação do adolescente	Tinham dificuldades financeiras antes 2020 n (%)	Tinham dificuldades financeiras durante 2020 n (%)
------------------------------------	---	---

Escola Pública Estadual	7 (6,7)	12 (11,3)
Colégio Público Militar	1 (1)	6 (5,7)
Colégio Privado	5 (4,8)	8 (7,5)

Fonte: Autores, 2022.

No período de pandemia em 2020, os três ambientes escolares ofertaram aulas e atividades online e atividades impressas. A maioria dos adolescentes da escola pública estadual (n=26; 24,5%) e do colégio policial militar (n=25; 23,6%) acompanharam as aulas online. No entanto, do colégio privado, apenas 17 (16%) adolescentes começaram a acompanhar as aulas online, mas tiveram dificuldades e desistiram. Apenas 3 (2,8%) adolescentes da escola pública estadual não tinham comunicação digital para acompanhar as aulas (Tabela 12). Esses dados apontam a necessidade de estudos que verifiquem os impactos da pandemia no processo de ensino e aprendizagem em diferentes contextos escolares. Segundo Gabriel *et al.* (2021) nenhuma escola estava preparada para a educação em tempo de pandemia, sendo que em 2020 os alunos, as famílias, os professores e outros profissionais da área da educação, tanto no Brasil como no mundo, tiveram que se adaptar. A tecnologia passou a ser protagonista das mediações pedagógicas a partir da suspensão das aulas presenciais e a transmissão de conhecimento por significativas transformações (ALVES; FARIA, 2020). Estratégias como o ensino híbrido e virtual, foram adotadas, no entanto nem sempre atingiram os objetivos de acesso ao ensino e aprendizagem (GABRIEL *et al.*, 2021; ALVES; FARIA, 2020). O afastamento da escola gerou consequências no aprendizado e a falta de interações com os colegas (GABRIEL *et al.*, 2021; NEUMANN *et al.*, 2020).

Tabela 12. Acompanhamento das aulas online, expressos em percentagem do total de adolescentes entrevistados de três ambientes escolares, Lages, Santa Catarina, BR.

Manifestação do adolescente	Escola Pública Estadual n (%)	Colégio Público Militar n (%)	Colégio Privado n (%)
Aulas online			
Não tinha comunicação digital (celular/computador/internet)	3 (2,8)	-	-
Começou a acompanhar as aulas online, mas teve dificuldades e desistiu	5 (4,7)	2 (1,9)	17 (16)
Ocupação (trabalhar/ajudar em casa)	2 (1,9)	2 (1,9)	1 (0,9)
Conseguiu acompanhar	26 (24,5)	25 (23,6)	17 (16)
Outro motivo	1 (0,9)	1 (0,9)	4 (3,8)

Fonte: Autores, 2022.

Quanto à aprendizagem dos participantes da pesquisa em relação a compreensão dos conteúdos das aulas online em 2020, um número maior de adolescentes da escola pública estadual (n=12; 11,3%) relatou que compreendeu quase tudo quando comparado as demais escolas. O colégio privado apresentou maior percentual de participantes (n=26; 24,5%) que compreendeu um pouco dos conteúdos das aulas online em 2020, bem como aqueles que também não compreenderam nada (Tabela 13). Quanto à compreensão dos conteúdos das atividades impressas em 2020, um número maior de adolescentes da escola pública militar (n=15; 14,2%) relatou que compreendeu um pouco quando comparado as demais escolas. Dos três ambientes escolares, apenas 2 (1,9%) adolescentes da escola pública estadual relataram que compreenderam tudo (Tabela 13). Evidencia-se com esses dados que no período de afastamento do ambiente escolar, os adolescentes tiveram dificuldades quanto ao seu aprendizado, o que pode causar lacunas na construção do conhecimento. Observou-se associação significativa entre o tipo de escola e o envio de atividades impressas ($p \leq 0,001$), pois os adolescentes que estudam em escola pública estadual, geralmente, receberam atividades impressas, enquanto o colégio particular não ofereceu atividades impressas. Wang *et al.* (2020) apontam que a paralização das atividades presenciais nos ambientes escolares na pandemia causou rupturas no processo educacional, fragilizou o aprendizado e a fixação do conhecimento e impactou a continuidade da formação educacional e curricular dos indivíduos. Gabriel *et al.* (2021) sinalizam sobre os impactos negativos da pandemia COVID-19 no cotidiano escolar, estes relacionados à socialização, aprendizagem e ações pedagógicas, destacando a importância do preparo para o retorno das aulas presenciais.

Num comparativo entre os três ambientes escolares, considerou-se, no total, os participantes que compreenderam um pouco dos conteúdos das aulas online em 2020, também os que compreenderam quase tudo e os que compreenderam tudo, evidenciam-se quantidades semelhantes, 28 (26,4%) adolescentes do colégio privado, 27 (25,5%) da escola pública estadual e 26 (24,5%) do colégio público militar (Tabela 13). Assim como em relação a semelhança quanto a não compreensão das atividades impressas, 5 (4,7%) adolescentes do colégio privado, 4 (3,8%) da escola pública estadual e 3 (2,9%) do colégio público militar (Tabela 13). Em relação à frequência do pedido de ajuda aos pais/responsáveis para a realização das atividades escolares foi semelhante nos três ambientes. Assim como em relação ao fato de nunca pedirem ajuda, 15 (14,2%) adolescentes do colégio privado, 15 (14,2%) do colégio público militar e 12 (11,3%) da escola pública estadual (Tabela 13). Silva (2022) alerta sobre a

necessidade de estudos que avaliem o nível de aprendizagem dos alunos em face à pandemia. Alves e Faria (2020) refletem sobre o contexto de aulas virtuais durante o isolamento social, quando estas foram um recurso que possibilitou a socialização entre professores e alunos, bem como aprendizagem com as aulas expositivas, no entanto, quando extensas causam cansaço, tédio e desconcentração por parte dos alunos.

Apesar dos adolescentes da escola pública estadual terem menos meios tecnológicos de acesso à informação em especial de computador e maiores dificuldades financeiras, em 2020, do que os demais, a maioria desses adolescentes conseguiu acompanhar as aulas online. Destaca-se ainda que a escola pública estadual teve um número maior de adolescentes que compreendeu quase tudo sobre os conteúdos das aulas online em 2020 em relação aos demais ambientes escolares. Alves e Faria (2020) destacam que nem todos se adaptaram as aulas online, pois muitos professores ao ministrarem suas aulas nesse formato, não tinham a interação esperada por parte dos alunos. Estes, muitas vezes marcavam a sua presença nas aulas, com microfones e câmeras desligados de forma que tanto professor quanto aluno se desmotivavam com os resultados (ALVES; FARIA, 2020). Gatti (2020) aponta que algumas soluções foram encontradas para a vinculação de estudantes com seus professores e colegas, no entanto dificuldades também foram identificadas. A exemplo, o estudo de conteúdos curriculares novos com apoios delimitados pela condição remota, ansiedades relativas à compreensão dos conteúdos, falta de atenção e concentração, estresse e angústia de alunos com o isolamento social e o tempo diante de telas para acompanhar as aulas, além dos desafios enfrentados pelos professores e familiares nesse cenário (GATTI, 2020).

Tabela 13. Compreensão dos conteúdos das aulas online e das atividades impressas e pedido de ajuda aos pais/responsáveis para a realização das atividades escolares dos adolescentes de três ambientes escolares, expressos em percentagem do total entrevistados, Lages, Santa Catarina, BR.

Manifestação do adolescente	Escola Pública Estadual n (%)	Colégio Público Militar n (%)	Colégio Privado n (%)
------------------------------------	--	--	----------------------------------

Compreensão dos conteúdos das aulas online			
Não teve aulas online	3 (2,8)	-	1 (0,9)
Não compreendeu nada	7 (6,6)	4 (3,8)	10 (9,4)
Compreendeu um pouco	15 (14,2)	18 (17)	26 (24,5)
Compreendeu quase tudo	12 (11,3)	8 (7,5)	1 (0,9)
Compreendeu tudo	-	-	1 (0,9)
Compreensão do conteúdo das atividades impressas			
Não teve atividades impressas	16 (15,2)	5 (4,7)	27 (25,7)
Nada	4 (3,8)	3 (2,9)	5 (4,7)
Um pouco	9 (8,6)	15 (14,2)	6 (5,7)
Quase tudo	4 (3,8)	6 (5,7)	-
Tudo	2 (1,9)	-	-
Nenhuma resposta	2 (1,9)	1 (0,9)	1 (0,9)
Pedido de ajuda aos pais/responsáveis			
Nunca pediu ajuda	12 (11,3)	15 (14,2)	15 (14,2)
Poucas vezes pediu ajuda	19 (17,9)	12 (11,3)	16 (15,1)
Muitas vezes pediu ajuda	4 (3,8)	2 (1,9)	5 (4,7)
Sempre pediu ajuda	1 (0,9)	1 (0,9)	2 (1,9)
Nenhuma resposta	1 (0,9)	-	1 (0,9)

Fonte: Autores, 2022.

Fatores que influenciaram a socialização de adolescentes em face a pandemia COVID-19

Dados desta pesquisa apontam que a maioria dos adolescentes dos três ambientes escolares tiveram acesso a meios tecnológicos durante a pandemia em 2020, apesar das dificuldades financeiras enfrentadas. A maioria teve acesso a celular, computador, internet residencial e dados móveis de internet, o que oportunizou a socialização, mesmo que não presencial, com amigos, colegas e familiares mais distantes. Os adolescentes são a faixa etária que mais acessam a internet (FERREIRA; REIS, 2020), alguns fazendo uso intensivo (XAVIER *et al.*, 2018).

Parte significativa do tempo livre dos adolescentes, no período de pandemia em 2020, foi ocupado por atividades realizadas com o uso de telas, o que possibilitou a manutenção da socialização. Um número expressivo de adolescentes jogava online no videogame, computadores e celulares (n=84; 79,2%) e conversavam com amigos nas redes sociais (n=73; 68,9%) (Figura 3). Pesquisas apontam que atividades de comunicação na internet mais realizadas entre os usuários brasileiros foram a troca de mensagens instantâneas (93%), as

conversas e as chamadas de voz ou vídeo (80%) e o uso das redes sociais (72%) (CGI, 2020). Contreta e Torres (2021) alertam que na interação virtual pode ocorrer comportamento tendencioso ao modismo que interferem na forma como as pessoas compreendem sentimentos, emoções e até na tomada de decisões. Vale ressaltar que adolescentes tendem a apresentar comportamentos direcionados à busca de aceitação pela sociedade ou por um grupo específico (DALGALARRONDO, 2019) muitas vezes sendo as mídias sociais um meio de acesso. Há necessidade de cuidado com a segurança dos adolescentes que usam a internet, Contrera e Torres (2021) e Deslandes e Coutinho (2020) fazem um alerta sobre os conteúdos digitais acessados, dentre eles os chamados desafios, que são um gênero de vídeos em que os usuários têm que cumprir uma tarefa, muitas vezes desafiam outros a executá-la. Esses acontecimentos causam prejuízos ao bem-estar psicológico e até mesmo colocam em risco a vida dos participantes (CONTRERA; TORRES, 2021; DESLANDES; COUTINHO, 2020).

A relação de apoio com os familiares, pares (amigos e colegas) e o meio social (escola e comunidade) influenciam no desenvolvimento do adolescente, entretanto, eles podem conviver com riscos nesses ambientes pela falta de amadurecimento e até mesmo a falta de orientações adequadas, considerando que ainda estão em processo de construção da sua identidade e personalidade (PAPALIA; FELDMAN, 2013). Estudos evidenciam que há variadas interferências do uso da internet na vida dos adolescentes, tanto positivas quanto negativas (FERREIRA; REIS, 2020; IMRAN; ZESHAN; PERVAIZ, 2020). Ao considerar o aumento significativo de consumo digital pelos adolescentes durante a pandemia, torna-se necessário um plano de ação multidisciplinar para contemplar a análise ampliada das influências vivenciadas para minimizar os fatores de risco e fortalecer os fatores de proteção desse consumo (FERREIRA; REIS, 2020).

Apesar dos adolescentes mencionarem a existência de conflitos no ambiente familiar durante a pandemia em 2020, uma parcela significativa também teve impactos positivos pela maior aproximação, com melhoras na convivência familiar (Tabela 6). Ter mais contato com os pais (n=55; 51,9%) foi uma experiência positiva vivenciada pelos adolescentes, assim como a realização de refeições em família com mais frequência (n=45; 42,5%), conversar mais com os pais (n=44; 41,5%), ter mais contato com os irmãos (n=41; 38,7%) e conversar mais com outros familiares (n=19; 17,9%) (Figura 4). Evidencia-se que a maioria dos adolescentes vivenciou experiências positivas na pandemia em 2020, relacionadas à socialização no contexto familiar. Esses dados condizem com os estudos de Reis *et al.* (2021), que relacionam ao isolamento social a maior convivência do adolescente com seus familiares e a ampliação do

diálogo, os quais auxiliam para amenizar preocupações, ansiedade e estresse causados na pandemia. Estudos sobre interações familiares durante a pandemia apontam mudanças saudáveis nos vínculos afetivos entre pais e filhos ao passar mais tempo juntos, pois apresentaram níveis mais baixos de estresse parental (CUSINATO *et al.*, 2020). Vale destacar que famílias com relacionamentos já fortalecidos, que conseguem manter a proximidade apesar do estresse familiar elevado, bem como aquelas que constroem a proximidade com a ajuda de profissionais ou outros apoios, tende a apresentar melhor enfrentamento e resiliência durante períodos desafiadores como o da pandemia COVID-19 (PRIME; WIDE; BROWNE, 2020). A coesão familiar e a qualidade do cuidado e da proteção nesse ambiente favorecem a adaptação e o enfrentamento às restrições de eventos extremos (SOUZA *et al.* 2023; SANTOS *et al.* 2021; IMRAN; ZESHAN; PERVAIZ, 2020; PRIME; WIDE; BROWNE, 2020; DALGALARRONDO, 2019; PAPÁLIA; FELDMAN, 2013; SENNA; DESSEN, 2012; BEE; BOYD, 2011), como exemplo a pandemia COVID-19.

O impacto mais significativo na socialização dos adolescentes dos três ambientes escolares pode estar diretamente ligado ao distanciamento e isolamento social durante a pandemia em 2020 pelo número expressivo de adolescentes (n=93; 87,7%) que aderiram essa prática. Quase metade dos participantes (n=54; 50,9%) reduziram o contato presencial com amigos/as e não visitaram idosos, embora continuassem a sair de suas residências. Mais de um quarto (n=39; 36,8%) de adolescentes ficaram rigorosamente em casa e saíram somente por necessidade de saúde (Tabela 5). Estudos de Osterhoff *et al.* (2020) descrevem que as motivações para manter o isolamento relacionam-se à responsabilidade social, ao fato de não querer o adoecimento de outras pessoas, aos bloqueios, às medidas de saúde pública e às regras parentais.

Um número expressivo de adolescentes dessa pesquisa sentiu falta, durante a pandemia em 2020, de encontrar os amigos (n=83; 78,3%) e não poder ir a lugares onde se divertiam (n=79; 74,5%), bem como, não poder ir à escola/colégio (n=55; 51,9%), não encontrar familiares próximos (n=51; 48,1%) e não praticar esportes ou atividades físicas (n=42; 39,6%) (Figura 1). Observa-se que as atividades mencionadas estão diretamente relacionadas a certa privação da socialização presencial dos adolescentes em razão da pandemia em 2020, o que também pode estar associado ao fato deles sentirem-se sozinhos (n=51; 48,1%), destes, 40 (37,7%) adolescentes sentiram-se sozinhos na maioria das vezes e 11 (10,4%) sempre (Tabela 5). Dados na literatura apontam que o distanciamento social e o fechamento das escolas impactaram na relação dos adolescentes com seus colegas, professores, família e comunidade

em geral, pois causou um isolamento físico, o que pode acarretar solidão (ROCHA *et al.*, 2021), bem como estresse e ansiedade (IMRAN; ZESHAN; PERVAIZ, 2020). A solidão foi sinalizada por Loades *et al.* (2020) como fortemente associada a sintomas graves de depressão em meninas e com grave ansiedade social em meninos. Corroboram com esses dados os estudos de Rocha *et al.* (2021) e Silva (2022) que informam sobre o aumento no uso de telas, irritabilidade, prejuízo na rotina de sono, sentimentos como tristeza e angústia e queda do desempenho escolar. Estes, decorrentes à pandemia pela brusca mudança na rotina dos adolescentes, com o fechamento da escola e conseqüentemente a ausência de contato físico com os amigos e demais pessoas da sua convivência externa à família (COSTA *et al.*, 2021; ROCHA *et al.*, 2021; SILVA, 2022). Com a interrupção das interações pessoais, as interações online aumentaram substancialmente, como única alternativa de manutenção de alguma socialização, o que traz outros elementos que pedem atenção e compreensão (DESLANDES; COUTINHO, 2020).

Estudos como os de Rocha *et al.* (2021) e Souza *et al.* (2023) alertam que para amenizar as conseqüências desse período, são necessárias medidas emergenciais para reduzir os agravos dessa situação, pois os adolescentes configuram atualmente uma população de alta vulnerabilidade ao adoecimento psíquico. As teorias wallonianas destacam que o desenvolvimento dos indivíduos ocorre nas dimensões da emoção, movimento, inteligência e personalidade, sendo a pessoa um ser geneticamente social, determinado fisiologicamente e socialmente por fatores de natureza orgânica e social no decorrer da sua vivência (Galvão, 2008).

Sobre o retorno presencial dos adolescentes ao ambiente escolar ser relevante para o seu desenvolvimento integral, destaca-se os aspectos de sociabilidade e aprendizagem, Maturana (2001) e Maturana e Varella (2001) pontuam que esses são aspectos ligados à natureza psicológica, cognitiva e emocional dos indivíduos e constituintes do desenvolvimento humano. Estes são oportunizados por atividades sociais que promovem interação direta, troca de experiências e valores, noções de limite físico e moral a partir do contato com os pares (MATURANA, 2001; MATURANA; VARELLA, 2001). A interação com adultos em situações de aprendizagens (atitudes, ações), também constituem a formação dos adolescentes, como descrito por teorias do desenvolvimento humano e da neuropsicologia (WALLON, 2008; PIAGET, 1986; VYGOTSKY, 2007; PAULA *et al.*, 2006; LENT, 2019). Gatti (2020) destaca que a escola representa um lugar de aprendizagem e socialização que contribui para a formação da identidade dos indivíduos. Essa autora ainda sinaliza que os seres humanos têm

características gregárias e que o isolamento não é propício às formas de vivência e de aprendizagens, visto que estas não são apenas cognitivas, mas também afetivo-sociais.

Por fim, todo esse cenário pandêmico abalou convicções em relação aos sentidos e ao significado da formação das futuras gerações, pois ainda não se tem conhecimento amplo de possíveis impactos futuros dos novos valores construídos (GATTI, 2020).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS DA DISSERTAÇÃO

O interesse pelo tema da referida pesquisa surgiu a partir da ampliação de leituras e discussões durante as aulas do mestrado e da prática profissional da pesquisadora como psicóloga escolar. A realização do curso, inicialmente no formato *online*, em razão da pandemia, oportunizou reflexões acerca das vivências, convivência e socialização em um período de restrições, as quais também enfrentávamos.

Foi motivador a produção de conhecimento sobre essa temática, com a investigação dos impactos da pandemia COVID-19 na socialização dos adolescentes, também afastados de seus contextos escolares. Além de possibilitar a ampliação de reflexões sobre estratégias necessárias em prol da prevenção e promoção de saúde mental, bem como possíveis ações que amenizem o sofrimento em contextos pandêmicos e pós pandêmicos ou outras emergências.

Os dados desse estudo apontaram que a pandemia COVID-19 mudou o modo de vida dos adolescentes em decorrência da necessidade do isolamento social que impactou diretamente na interação social, aprendizagem e conseqüentemente na qualidade de vida dos indivíduos. As principais alterações de comportamento estão relacionadas ao aumento de uso de telas, piora do estado emocional como ansiedade, tristeza, irritabilidade e solidão, dificuldades com o ensino à distância que afetou a aprendizagem, alteração na rotina de sono, alimentação e privação das atividades de lazer externas à residência. Evidenciou-se que as interações online aumentaram como alternativa de manutenção de socialização e atividade de lazer.

Frente aos dados expostos nessa pesquisa, observa-se que as condições impostas pela pandemia COVID-19, sendo uma delas o isolamento social e os seus possíveis impactos na saúde física e mental, bem como nos processos do “adolescer” (OUTEIRAL, 2008), demandam de atenção, ampliação de estudos tanto a curto quanto a longo prazo, visto a possibilidade de extensão de suas conseqüências para os adolescentes.

Ainda se destaca a necessidade de reflexões acerca de estratégias para amenizar os impactos da pandemia para os adolescentes e seus familiares. Dentre elas, a importância do estabelecimento e ampliação de comunicação efetiva entre pais e filhos para compartilharem os sentimentos causados nesse período e conseqüentemente tomar atitudes de enfrentamento dos conflitos e problemáticas identificadas. Também é indispensável o monitoramento do tempo de uso de telas, assim como a organização de uma rotina diária, atividades de lazer e prática de exercícios que auxiliam no combate ao estresse, em prol da qualidade de vida.

Sobre o retorno presencial dos adolescentes ao ambiente escolar, este é vital para o seu desenvolvimento integral, com destaque aos aspectos de sociabilidade e aprendizagem, com atividades que promovam a interação direta, troca de experiências e valores a partir do contato com os pares. Também a interação com os adultos para aprendizagens de atitudes e ações que fazem parte da formação dos adolescentes. Assim, evidencia-se que o ambiente escolar é integrante indispensável na construção socioemocional dos indivíduos e tem o compromisso de constituir-se em um contexto acolhedor em benefício ao bem-estar coletivo, principalmente em face aos impactos causados pela pandemia COVID-19, já descritos nesse estudo.

O retorno dos contatos presenciais ao mesmo tempo que era uma expectativa também gerou insegurança, ansiedade, medos e fragilidades, o que demanda atenção e ações, como exemplo, oportunizar espaços de diálogo, acolhida e escuta das vivências e experiências no período de pandemia e pós pandemia. Destaca-se a educação como possibilidade de propiciar a formação de valores de vida para as novas gerações.

Ações de apoio de áreas como da saúde, educação, assistência social, segurança, dentre outras, são necessárias e devem estar cientes dos possíveis impactos de uma pandemia, para que possam implementar e ampliar medidas efetivas de apoio para os adolescentes e seus responsáveis, para um desenvolvimento mais saudável e menos traumático.

Apesar dos dados analisados apontarem de forma significativa os impactos negativos da pandemia COVID-19 na saúde física, mental, bem como na socialização dos adolescentes, fatores positivos também foram identificados nesse estudo. Destacam-se a ampliação da conscientização dos adolescentes em relação à importância da higiene e do distanciamento social para a prevenção de doenças, maior convivência com familiares e diversificação de atividades de lazer antes não muito exploradas.

Os resultados deixaram explícita a necessidade e importância de os adolescentes receberem apoio nos seus ambientes de convivência (familiar/escolar/sociedade). Estudos que objetivem ampliar reflexões sobre novas ações em relação a saúde mental e bem-estar dos adolescentes tornam-se cada vez mais importantes, quando se consideram os impactos causados por vivências traumáticas, a exemplo a pandemia COVID-19. Ainda que existam políticas públicas e estratégias voltadas à saúde mental dos adolescentes, compreender as peculiaridades da socialização em tempos de pandemia é indispensável para criar estratégias de prevenção e intervenção de cuidado em saúde integral a estes jovens, em prol da qualidade de vida.

Espera-se que esse estudo contribua para a reflexão sobre a importância e a valorização da rede de apoio aos adolescentes e seus familiares de diversos contextos escolares. Também

para a ampliação de possíveis ações que considerem os impactos de problemas relacionados à socialização e a saúde mental dos adolescentes em período de pandemia e preparo para eventuais novas ocorrências semelhantes. Ressalta-se que os dados obtidos acrescentam novas percepções ao debate sobre a formação de adolescentes no ambiente escolar em pós-pandemia.

Essa pesquisa não esgota as demais possibilidades de discussão e interpretação sobre os resultados aqui apresentados. Ainda destaca a relevância de um contexto de estudo interdisciplinar, uma vez que por meio de uma única perspectiva disciplinar não seria possível atingir os objetivos propostos, ou seja, ampliar o conhecimento a partir dos saberes de outras áreas. Sugere-se que a pesquisa seja replicada quando a pandemia da COVID-19 for superada/encerrada, a fim de comparar os resultados e ampliar o conhecimento quanto à temática pesquisada e outras possíveis situações emergenciais que podem impactar a humanidade.

REFERÊNCIAS

ALVES, E. J.; FARIA, D. C. EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMAI: lições aprendidas e compartilhadas. **Revista Observatório**, v. 6, n. 2, p. 1-18, 2020.

ARAGÃO, J. Introdução aos estudos quantitativos utilizados em pesquisas científicas. **Revista Práxis**, n. 6, p. 59-62, 2011.

BARRETO, A. C. F.; ROCHA, D. S. COVID-19 e educação: resistências desafios e (im) possibilidades. **Revista Encantar**, v. 2, p. 01-11, 2020.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 12 jun. 2021.

BEE, H.; BOYD, D. A criança em desenvolvimento. 12. ed. Porto Alegre: Artmed, p. 287-327, 2011.

BELSEY, B. Cyberbullying. 2019. Disponível em: <<https://cyberbullying.ca/2019/02/25/cyberbullying-involves-the-use-of-information-and-communication-technologies-to-support-deliberate-repeated-and-hostile-behaviour-by-an-individual-or-group-that-is-intended-to-harm-others/>>. Acesso em: 11 dez. 2021.

BITTENCORT, R. N. Pandemia, isolamento social e colapso global. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 19, n. 221, p. 168-178, 2020.

BRAZENDALE K. *et al.* Understanding differences between summer vs. school obesogenic behaviors of children: the structured days hypothesis. **International Journal of Behavioral Nutrition and Physical Activity**, v. 14, n. 100, p. 1-14, 2017.

BROOKS S. K. *et al.* The psychological impact of quarantine and how to reduce it: rapid review of the evidence. **Lancet**, v. 395, p. 912-920, 2020.

CARDOSO, C. A.; FERREIRA, V. A.; BARBOSA, F. C. G. (Des) igualdade de acesso à educação em tempos de pandemia: uma análise do acesso às tecnologias e das alternativas de ensino remoto. **Revista Com Censo #22**, v. 7, p. 38-46, 2020.

CAUBERGHE, V. *et al.* How Adolescents Use Social Media to Cope with Feelings of Loneliness and Anxiety During COVID-19 Lockdown. **Cyberpsychology, behavior, and social networking**, v. 24, n. 4, p. 250-257, 2021.

CGI. Comitê Gestor da Internet no Brasil. Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e comunicação dos domicílios brasileiros: Pesquisa TIC Domicílios.Usuários. 2020.

Disponível em:

<https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20211124201233/tic_domicilios_2020_livro_eletronico.pdf>. Acesso em: 11 março 2023.

CGI. Comitê Gestor da Internet no Brasil. Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e comunicação dos domicílios brasileiros: Pesquisa TIC Domicílios.Usuários. 2020. Disponível em: <<https://data.cetic.br/explore/>>. Acesso em: 12 fev. 2023.

CONTRERA, M.S.; TORRES, L. de S. A. Desafios extremos da internet e contágio psíquico: sintomas da cultura do espetáculo. **RECIIS – Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, v. 15, n. 2, p. 397- 410, 2021.

COSTA, L. C. R. *et al.* Adolescer em meio à pandemia de Covid-19: um olhar da teoria do amadurecimento de Winnicott. **Interface**, n. 25, sup. 1:e200801, p. 1-12, 2021.

CUSINATO, M. *et al.* Stress, Resilience, and well-being in Italian children and their parents during the Covid-19 pandemic. **International Journal Environmental Research and Public Health**.17(22): 8297, p. 2-17, 2020.

DALBEN, A. I. L. de F. Relação família x escola em tempos de pandemia. **Revista Paidéia**, ano 14, n. 22, p. 11-29, 2019.

DALGALARRONDO, P. Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais. 3.ed. Porto Alegre/RS: Artmed Editora Ltda., 2019.

DESLANDES, S. F.; COUTINHO, T. O uso intensivo da internet por crianças e adolescentes no contexto da Covid-19 e os riscos para violências autoinflingidas. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, Supl. 1., p. 2479-2486, 2020.

DOURADO, I. C. P; PRANDINI, R. C. A. R. Henri Wallon: psicologia e educação. **Augusto Guzzo Revista Acadêmica**, n.5, p. 23-31, 2012.

DUAN, L. *et al.* An investigation of mental health status of children and adolescents in China during the outbreak Covid-19. **Journal of Affective Disorders**, v. 275, p. 112-118, 2020.

FERREIRA, T. H. S; FARIAS, M. A; SILVARES, E. F. de M. A adolescência através dos Séculos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 26, n. 2, p. 227-234, 2010.

FERREIRA, R.C; REIS, K. A. Evidências entre mídia e suicídio: efeito contágio das produções jornalísticas e ficcionais. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, v. 14, n.3, p. 633-643, 2020.

FIOCRUZ. Fundação Oswaldo Cruz. Disponível em: <<https://portal.fiocruz.br/noticia/fiocruz-analisa-dados-sobre-mortes-de-criancas-por-covid-19>>. Acesso em: 23 out. 2021.

GABRIEL, N. da S. *et al.* O retorno às aulas no pós-pandemia: estudo de caso e análise comparativa entre o ensino público e o ensino privado. **Terrae Didática**, v. 17, n. e021005, p. 01-13, 2021.

GALVÃO, I. Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil.17. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

GATTI, B. A. Possível reconfiguração dos modelos educacionais pós-pandemia. **Estudos Avançados**, v. 34, n. 100, p. 29-41, 2020.

GOIS, R. L. B. *et al.* Crianças e adolescentes: saúde em tempos de pandemia. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 5, p. e4911527752, 2022.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Educa. Disponível em: <<https://educa.ibge.gov.br/criancas/brasil/atualidades/20459-mulheres-brasileiras-na-educacao-e-no-trabalho.html#:~:text=Entre%20os%20homens%20com%2025,4%25%20completaram%20o%20ensino%20superior>>. Acesso em: 05 fev. 2023.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cidades. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sc/lages.html>>. Acesso em: 19 jun. 2021.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cidades. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/lages/historico>>. Acesso em: 23 out. 2021.

IMRAN, N.; ZESHAN, M.; PERVAIZ, Z. Mental health considerations for children & adolescents in COVID-19 pandemic. **Pakistan Journal of Medical Sciences**, v. 36, n.4, p. 67-72, 2020.

LAGES. Secretaria Municipal de Educação. Disponível em: <<https://www.educacaolages.sc.gov.br/sobre>>. Acesso em: 19 jun. 2021.

LAGES. Secretaria Municipal de Educação. Disponível em: <<https://www.educacaolages.sc.gov.br/assets/documentos/1f48ab2deb0eefc75919e02e71dc5a0d.pdf>>. Acesso em: 26 out. 2021.

LENT, R. O cérebro aprendiz: neuroplasticidade e educação. Rio de Janeiro: Atheneu, 2019.

LOADES, M. E. *et al.* Rapid systematic review: the impact of social isolation and loneliness on the mental health of children and adolescents in the context of COVID-19. **Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry**, v. 59, p. 1218-1239.e3, 2020.

MAGNANI, A. I. G. P. Intervenção e aprendizagem: adolescência. ed. rev. Curitiba: IESDE Brasil, 2012.

MALTA *et al.* A pandemia de COVID-19 e mudanças nos estilos de vida dos adolescentes brasileiros. **Revista Brasileira Epidemiologia**, v. 24: E210012, Supl. 1, p.1-13, 2021.

MANGUEIRA, L. F. B. *et al.* Saúde mental das crianças e adolescentes em tempos de pandemia: uma revisão narrativa. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 12, n. 11, 2020.

MARQUES, E.S. *et al.* A violência contra mulheres, crianças e adolescentes em tempos de pandemia pela COVID-19: panorama, motivações e formas de enfrentamento. **Cadernos de Saúde Pública**, v.36, n.4, 2020.

- MARTINS, P. O.; TRINDADE, Z. A.; ALMEIDA, A. M. O. O ter e o ser: representações sociais da adolescência entre adolescentes de inserção urbana e rural. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v.16, n. 3, p. 555-568, 2003.
- MATURANA, H. Cognição, ciência e vida cotidiana. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.
- MATURANA, H. R.; VARELA, F. A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana. São Paulo: Palas Athena, 2001.
- MÉA, C. P. D; BIFFE, E.M.; FERREIRA, V. R. T. Padrão de uso de internet por adolescentes e sua relação com sintomas depressivos e de ansiedade. **Psicologia Revista**, v. 25, n.2, 243-264, 2016.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria da Vigilância em Saúde. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/covid-19/2022/boletim-epidemiologico-no-136-boletim-coe-coronavirus/view>>. Acesso em: 05 março 2023.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria da Vigilância em Saúde. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/media/pdf/2021/outubro/22/boletim_epidemiologico_covid_85-final.pdf>. Acesso em: 23 out. 2021.
- MIRANDA, D. M. *et al.* How is COVID-19 pandemic impacting mental health of children and adolescents? **International Journal of Disaster Risk Reduction**, v.51, p. 101845, 2020.
- NALBANDIAN, A. *et al.* Post-acute COVID-19 syndrome. **Nature Medicine**, v. 27, p. 601-615, 2021.
- NEUMANN, A. L. *et al.* Impacto da pandemia por COVID-19 sobre a saúde mental de crianças e adolescentes: uma revisão integrativa. In: Washington Moreira Cavalcanti. **Pandemias: Impactos na sociedade**. Belo Horizonte: Synapse, p. 56-66, 2020.
- NUNES *et al.* A importância da abordagem da saúde nas escolas após a pandemia de COVID-19: uma revisão bibliográfica. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 13, n. 8, p. 1-17, 2021.
- OLIVEIRA, W. A. de *et al.* A saúde do adolescente em tempos da COVID-19: scoping review. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, n.8, 2020.
- OOSTERHOFF, B. *et al.* Adolescents' motivations to engage in social distancing during the COVID-19 pandemic: associations with mental and social health. **Journal of Adolescent Health**, v. 67, p. 179-185, 2020.
- OUTEIRAL, J. *Adolescer*. 3. ed. Rio de Janeiro: RevinteR, 2008.
- PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. *Desenvolvimento Humano*. 12. ed. Porto Alegre: AMGH, p. 384-444, 2013.

- PAULA, G. R. *et al.* Neuropsicologia da aprendizagem. **Revista Psicopedagogia**, v.23, n.72, p. 224-31, 2006.
- PIAGET, J. A linguagem e o pensamento da criança. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- PINHEIRO, H. N. A., *et al.* COVID-19: efeitos da pandemia na saúde mental de crianças e adolescentes. In: Ezequiel Martins Ferreira. **Psicologia: identidade profissional e compromisso social 2**. Ponta Grossa: Atena, p. 85-95, 2021.
- PRIME, H.; WIDE, M.; BROWNE, D. T. Risk and resilience in family well-being during the COVID-19 pandemic. **American Psychological Association**, v. 75, n.5, p. 631-643, 2020.
- RACINE, N. *et al.* Global prevalence of depressive and anxiety symptoms in children and adolescents during COVID-19: a meta-analysis. **JAMA pediatrics**, v. 175, n. 11, p. 1142-1150, 2021.
- RAMOS, L. S. *et al.* Instruções de higiene na escola e na sociedade como ação de saúde e prevenção de doenças: uma revisão bibliográfica. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v.12, n.10, p. 1-7, 2020.
- RAVENS-SIEBERER, U. *et al.* Impact of the COVID-19 pandemic on quality of life and mental health in children and adolescents in Germany. **European child & adolescent psychiatry**, v.31, n. 6, p. 879-889, 2022.
- REIS, F. P. dos, *et al.* Impacto do Confinamento em Crianças e Adolescentes. **Acta Medica Portuguesa**, v. 34, n.3, p. 245-246, 2021.
- ROCHA, M. F. de A., *et al.* O impacto da pandemia do covid-19 na saúde infanto-juvenil: um estudo transversal. **Brazilian Journal of Health Review**, vol.4, n. 1, p. 3483–3497, 2021.
- RODRIGUES, H., *et al.* Socialização legal de crianças e adolescentes: revisão da literatura e desafios de pesquisa. **Plural**, v. 24, n.1, p. 105-123, 2017.
- SÁ, R. de C. de S; ROSA, H. R; TARDIVO, L. S. de L. P. C. **Sentimentos e atitudes de adolescentes no isolamento social em período da pandemia por Coronavírus**. Equipe do APOIAR. Laboratório de Saúde Mental e Clínica Social do Instituto de Psicologia da USP, p. 1-12. Disponível em:
< <https://www.ip.usp.br/site/wp-content/uploads/2020/06/RESUMO-PESQUISA-ADOLESCENTES-40-dias.pdf> >. Acesso em: 23 out. 2021.
- SANTOS, C. dos. COVID-19 e Saúde mental dos adolescentes: vulnerabilidades associadas ao uso de internet e mídias sociais. **HOLOS**, ano 37, v.3, e11651, p. 1-14, 2021.
- SANTOS, L. C. *et al.* Impactos psicossociais do isolamento social por COVID-19 em crianças, adolescentes e jovens: scoping review. **Revista de Enfermagem da UFSM**, v. 11, n. 73, p. 1-19, 2021.
- SANTOS, K. A. M. *et al.* Quais os significados sobre família em situação de pandemia para os adolescentes? **Ciência e Saúde Coletiva**, v.7, n. 1, p. 193-203, 2022.

SAURABH, K.; RANJAN, S. Compliance and psychological impact of quarantine in children and adolescents due to COVID-19 pandemic. **The Indian Journal of Pediatrics**, v. 87, p. 532-536, 2020.

SED/SC. Secretaria de Estado da Educação de SC. Disponível em: < <https://www.sed.sc.gov.br/servicos/etapas-e-modalidades-de-ensino/29-modalidade-de-ensino/16998-ensino-fundamental> >. Acesso em: 02 abr. 2022.

SENNA, S. R. C. M.; DESSEN, M. A. Contribuições das Teorias do Desenvolvimento Humano para a Concepção Contemporânea da Adolescência. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 28, n. 1, p. 101-108, 2012.

SILVA, H. T. R, *et al.* Mental health of children and adolescents in times of pandemic: an integrative review. **Brazilian Medical Students Journal**, v. 5, n. 8, p. 1-10, 2021.

SILVA, M. C. da. Impacts of the COVID-19 pandemic on the learning of children and adolescents. **Research Society and Development**, v. 11, n.5, p. e47611527837, 2022.

SILVA, P. H. G. da. Análise do discurso nas relações interpessoais: perspectivas dos adolescentes em redes sociais. **Revista Philologus**, ano 26, n. 76, p. 160-171, 2020.

SILVEIRA D. T.; CÓRDOVA F. P. **A pesquisa científica**. In: Gerhardt, T. E.; Silveira, D. T. (org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, p. 33-35, 2009.

SIQUEIRA, A. C.; FREIRE, C. de O. A influência da tecnologia no desenvolvimento infantil. **Revista Farol**, v. 8, n. 8, p. 22-39, 2019.

SOUZA, M. S. *et al.* Repercussões da pandemia Covid-19 na saúde mental de crianças e adolescentes: uma revisão integrativa. **Journal of Education Science and Health**, v.3, n.1, 2023.

TEIXEIRA, E. S. A questão da periodização do desenvolvimento psicológico em Wallon e em Vigotski: alguns aspectos de duas teorias. **Educação e Pesquisa**, v.29, n. 2, p. 235-248, 2003.

TOZZE, K. F.; SILVA, A. T. B. Intervenção em grupo com pais de adolescentes com problemas de comportamento internalizantes. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. XIX, n. 4, p. 6-24, 2018.

UNICEF. Impactos primários e secundários da COVID-19 em crianças e adolescentes. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/media/15136/file/relatorio_analise_impactos-primarios-e-secundarios-da-covid-19-em-criancas-e-adolescentes_terceira-rodada.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2023.

VIGOTSKY, L. S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes. 2007.

WALLON, H. Do ato ao pensamento: ensaio de psicologia comparada. Petrópolis: Vozes, 2008.

WANG, G. *et al.* Mitigate the effects of home confinement on children during the COVID-19 outbreak. **Lancet**, v. 395, n. 10228, p. 945-947, 2020.

WANG, G. *et al.* Ten-Year Secular Trends in Sleep/Wake Patterns in Shanghai and Hong Kong School-Aged Children: A Tale of Two Cities. **J Clin Sleep Med.**, v. 15, p. 1495–1502, 2019.

WU *et al.* The SARS-CoV-2 outbreak: What we know. **International Journal of Infectious Diseases**, v. 94, n. 1, p. 44–48, 2020.

XAVIER, A. L. B. *et al.* Influência das tecnologias na adolescência: uma revisão integrativa. **Educação, Psicologia e Interfaces**, v. 2, n.1, p. 135-151, 2018.

APÊNDICES

APÊNDICE A

UNIVERSIDADE DO PLANALTO CATARINENSE UNIPLAC COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE (Resolução 510/2016 CNS/CONEP)

Você está sendo convidado (a) a autorizar a participação do seu (sua) filho (a) no projeto de pesquisa intitulado **“SOCIALIZAÇÃO DE ADOLESCENTES: ambiente escolar e pandemia COVID-19”**. O objetivo deste trabalho é caracterizar impactos da pandemia COVID-19 na socialização de adolescentes em ambiente escolar no município de Lages, SC.

Para realizar o estudo será necessário que o adolescente se disponibilize a responder um questionário estruturado (*on-line*), previamente agendada a sua conveniência. Na possibilidade da superação da pandemia, por ocasião da aplicação do questionário, será dada a preferência de coleta de dados no formato presencial seguindo o protocolo de distanciamento social. Para a instituição e para a sociedade, esta pesquisa servirá como indicativo para entender o impacto da pandemia na socialização dos adolescentes em ambiente escolar no município de Lages, SC.

De acordo com o OFÍCIO CIRCULAR Nº 2/2021/CONEP/SECNS/MS e a resolução 510/2016 “Toda pesquisa com seres humanos envolve risco em tipos e gradações variados”. A sua participação terá risco mínimo, mas caso ocorrer algum desconforto ou constrangimento em responder o questionário, os participantes poderão ser encaminhados para atendimento psicológico na Clínica Escola da UNIPLAC do município de Lages, SC e de forma gratuita. Em virtude de as informações coletadas serem utilizadas unicamente com fins científicos, são garantidos o total sigilo e confidencialidade das informações, através da assinatura deste termo, o qual receberá uma cópia.

Os principais benefícios da pesquisa serão a contribuição para a ampliação do conhecimento sobre o tema, além de possibilitar reflexões sobre as ações e as estratégias que poderão ser adotadas no âmbito escolar e familiar para minimizar os problemas relacionados à socialização e saúde mental dos adolescentes.

Você terá o direito e a liberdade de negar a participação do adolescente nesta pesquisa total ou parcialmente ou dela retirá-lo a qualquer momento, sem que isto lhes traga qualquer prejuízo

com relação ao seu atendimento nesta instituição, de acordo com o OFÍCIO CIRCULAR Nº 2/2021/CONEP/SECNS/MS e a Resolução CNS nº 510/16 e complementares. Para qualquer esclarecimento no decorrer da sua participação, estarei disponível através do telefone: (49) 98414-9820 ou pelo endereço: Rua Virgílio Ramos, 914, Bairro Morro do Posto, Lages, SC. Se necessário também poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade do Planalto Catarinense UNIPLAC, Av. Castelo Branco, 170, bloco 1, sala 1226, Lages SC, (49) 3251.1086, e-mail: cep@uniplaclages.edu.br. Desde já agradecemos!

Eu _____ portador do CPF _____ declaro que após ter sido esclarecido (a) pelo (a) pesquisador (a), lido o presente termo, e entendido tudo o que me foi explicado, concordo em participar da Pesquisa.

(Nome e assinatura do responsável legal pelo adolescente)

Lages, ____ de _____ de 2022.

Responsáveis pelo projeto:

Viviane Milbradt Bastos – Mestranda

Endereço para contato: Rua Virgílio Ramos, 914, Bairro Morro do Posto, Lages, SC

Telefone para contato: (49) 984149820

E-mail: vmilbradt@gmail.com

Pedro Boff - orientador

Endereço para contato: Rua Baipendi, 145, apto 31, Lages, SC

E-mail: boff.pedro@yahoo.com.br

Ana Emilia Siegloch – coorientadora

Endereço para contato: Rua Pará, 550, apto 14, Bairro São Cristóvão, Lages, SC

E-mail: asiegloch@uniplaclages.edu.br

APÊNDICE B
UNIVERSIDADE DO PLANALTO CATARINENSE UNIPLAC
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP

Termo de assentimento para criança e adolescente (maiores de 6 anos e menores de 18 anos)

Você está sendo convidado para participar da pesquisa **“SOCIALIZAÇÃO DE ADOLESCENTES: ambiente escolar e pandemia COVID-19”**. Seus pais permitiram que você participe. Queremos saber sobre impactos da pandemia COVID-19 na socialização de adolescentes em ambiente escolar do município de Lages, SC. Os adolescentes que participarão desta pesquisa tinham de 13 a 15 anos de idade no ano de 2020 e estavam matriculados no 9º ano do Ensino Fundamental.

Você não precisa participar da pesquisa se não quiser, é um direito seu e não terá nenhum problema se desistir. A pesquisa será feita em ambiente escolar do município de Lages, SC. O estudo será descritivo, transversal, com abordagem quantitativa e coleta de dados a campo. Para isso, será usado um questionário estruturado (*on-line*), previamente agendada a sua conveniência. Na possibilidade da superação da pandemia, por ocasião da aplicação do questionário, será dada a preferência de coleta de dados no formato presencial seguindo o protocolo de distanciamento social.

O uso do questionário é considerado seguro, mas é possível ocorrer algum desconforto ou constrangimento em respondê-lo. Caso isso aconteça, você pode nos procurar pelo telefone (49) 984149820 da pesquisadora Viviane Milbradt Bastos. Mas há coisas boas que podem acontecer, como a contribuição para a ampliação do conhecimento sobre o tema, além de possibilitar reflexões sobre as ações e as estratégias que podem ser adotadas no âmbito escolar e familiar para minimizar os problemas relacionados à socialização e saúde mental dos adolescentes.

Ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você fornecer. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificar os adolescentes que participaram.

Se você tiver alguma dúvida, só fazer contato pelo telefone informado anteriormente nesse texto.

CONSENTIMENTO PÓS INFORMADO

Eu _____ aceito participar da pesquisa
“SOCIALIZAÇÃO DE ADOLESCENTES: ambiente escolar e pandemia COVID-19”.

Entendi os possíveis desconfortos e também as coisas boas que podem acontecer.

Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir sem qualquer prejuízo.

Os pesquisadores tiraram minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis.

Recebi uma cópia deste termo de assentimento e li e concordo em participar da pesquisa.

Mesmo após assinar este documento e o participante dar o assentimento, tem o direito de pleitear indenização por reparação de danos que apresente nexos causal com a pesquisa.

Lages, ____ de _____ de 2022.

Assinatura do adolescente

Assinatura do(a) pesquisador(a)

APÊNDICE C
QUESTIONÁRIO

Você está sendo convidado para participar da pesquisa “**SOCIALIZAÇÃO DE ADOLESCENTES: ambiente escolar e pandemia COVID-19**”. Seus pais permitiram que você participe. Queremos saber sobre impactos da pandemia COVID-19 na socialização de adolescentes **que tinham de 13 a 15 anos de idade no ano de 2020** e estavam matriculados no 9º ano do Ensino Fundamental.

Vamos começar com algumas perguntas sobre você:

1. Qual cidade você residia em **2020**?

2. Qual bairro de Lages você residia em **2020**?

3. Qual é seu gênero?

() Feminino () Masculino () Não declarado

4. Qual era a sua idade em **2020**? Descreva data de nascimento: _____

() 13 anos () 14 anos () 15 anos

5. Qual é a sua cor declarada? Opcional.

6. Qual a sua etnia? Opcional.

7. Em que ano/série escolar você está em **2022**?

() 9 ano do Ensino Fundamental () 1ª série do Ensino Médio () 2ª série do Ensino Médio

8. Você tinha celular em **2020**?

() Sim () Não

9. Você tinha computador ou notebook em **2020**?

() Sim () Não

10. Você tinha acesso à internet *wi-fi* em sua residência em **2020**?

() Sim () Não

11. Você tinha acesso a dados móveis de internet em **2020**?

() Sim () Não

12. Incluindo você, quantas pessoas moravam na sua residência em **2020**?

13. Qual era o número de cômodos (**sala mais quartos**) da sua residência em **2020**?

14. Qual o nível de escolaridade que seu pai ou responsável tinha no ano de **2020**?

- Não concluiu o Ensino Fundamental
 Ensino Fundamental concluído
 Ensino Médio concluído
 Ensino Superior concluído
 Pós-Graduação concluída
 Não sei

15. Qual o nível de escolaridade que sua mãe ou responsável tinha no ano de **2020**?

- Não concluiu o Ensino Fundamental
 Ensino Fundamental concluído
 Ensino Médio concluído
 Ensino Superior concluído
 Pós-Graduação concluída
 Não sei

16. Você tinha privacidade na sua casa, ou seja, tinha um lugar que podia ficar sozinho em **2020**?

- Sim Não

17. Antes da pandemia, a sua família enfrentava dificuldades financeiras?

- Sim Não Não sei Não quero informar

18. Durante a pandemia em **2020**, a sua família enfrentou dificuldades financeiras?

- Sim Não Não sei Não quero informar

Agora vamos fazer perguntas sobre as atividades escolares:

19. Você estuda em:

- Colégio Privado Colégio Público Militar Escola Pública Municipal

20. Durante a pandemia COVID-19 em **2020**, a sua escola ou colégio ofereceu aulas *on-line* de ensino a distância?

- Sim Não

21. Durante a pandemia COVID-19 em **2020**, a sua escola ou colégio ofereceu atividades impressas?

- Sim Não

22. Durante a pandemia COVID-19 em **2020**, a sua escola ou colégio ofereceu atividades *on-line*?

- Sim Não

23. Caso não tenha acompanhado as aulas *on-line* em **2020**, qual foi o motivo principal? Pode marcar mais de uma opção.

- Não tinha computador

- Não tinha celular
 Não tinha internet
 Comecei a acompanhar as aulas *on-line*, mas tive dificuldades e desisti
 Tive que trabalhar
 Tive que ajudar em casa
 Nenhum desses motivos

Outro motivo. Descreva: _____

24. Você entendeu o conteúdo das aulas *on-line*?

- Não tive aulas on-line Nada Um pouco Quase tudo Tudo

25. Você entendeu o conteúdo para realizar as atividades impressas?

- Não tive atividades impressas Nada Um pouco Quase tudo
 Tudo

26. Você entendeu o conteúdo para realizar as atividades enviadas pela internet?

- Não tive atividades enviadas pela internet Nada Um pouco Quase tudo Tudo

27. Você pediu ajuda aos pais ou responsáveis para fazer as atividades escolares?

- Não tive atividades escolares Nunca Poucas vezes Muitas vezes Sempre

Agora vamos perguntar sobre a sua saúde, em geral, incluindo problemas que você enfrentou durante a pandemia COVID-19 em 2020:

28. A pandemia afetou a qualidade do seu sono em **2020**?

- Não afetou nada, dormia bem.
 Com a pandemia, comecei a ter problemas de sono.

Descreva: _____

- Eu já tinha problemas de sono e eles continuaram da mesma forma.

Descreva: _____

- Eu já tinha problemas de sono e eles pioraram bastante.

Descreva: _____

- Eu já tinha problemas de sono, mas eles diminuíram.

Descreva: _____

- Outra. Descreva: _____

29. A pandemia afetou a qualidade da sua alimentação em **2020**?

- Não afetou nada, alimentava-me bem.
 Com a pandemia, comecei a ter problemas com a alimentação.

Descreva: _____

- Eu já tinha problemas com a alimentação e eles continuaram da mesma forma.

Descreva: _____

- Eu já tinha problemas com a alimentação e eles pioraram bastante.

Descreva: _____

- Eu já tinha problemas com a alimentação, mas eles diminuíram.

Descreva: _____

() Outra. Descreva: _____

30. Você acha que a pandemia provocou mudanças no seu estado emocional em **2020**?

() Melhorou muito () Melhorou pouco () Ficou igual () Piorou um pouco () Piorou muito

31. Na pandemia em **2020**, com que frequência você se sentiu triste?

() Nunca () Raramente () Às vezes () Na maioria das vezes () Sempre

32. Na pandemia em **2020**, com que frequência você se sentiu irritado (a)?

() Nunca () Raramente () Às vezes () Na maioria das vezes () Sempre

33. Na pandemia em **2020**, com que frequência você se sentiu ansioso (a)?

() Nunca () Raramente () Às vezes () Na maioria das vezes () Sempre

34. O isolamento social necessário durante a pandemia em **2020** impactou a sua convivência familiar?

() Estávamos todos em harmonia e o isolamento social nos aproximou.

() Estávamos com alguns conflitos, que já existiam antes da pandemia.

() Estávamos com muitos conflitos, que já existiam antes da pandemia.

() Estávamos com alguns conflitos, que surgiram ou pioraram durante a pandemia.

() Estávamos com muitos conflitos, que surgiram ou pioraram durante a pandemia.

() Outro. Qual? _____

35. Quantos (as) amigos (as) próximos você manteve em **2020**?

36. Na pandemia em **2020**, com que frequência você se sentiu sozinho (a)?

() Nunca

() Raramente

() Às vezes

() Na maioria das vezes

() Sempre

() Não me senti isolado (a) ou sozinho (a)

37. Na pandemia em **2020**, com que frequência você teve apoio familiar nos momentos que se sentiu sozinho (a)?

() Nunca

() Raramente

() Às vezes

() Na maioria das vezes

() Sempre

() Não me senti isolado (a) ou sozinho (a)

38. Na pandemia em **2020**, qual foi o apoio familiar que você recebeu?

39. Na pandemia em **2020**, com que frequência você sentiu que ninguém se preocupava com você?

- Nunca
- Raramente
- Às vezes
- Na maioria das vezes
- Sempre

Agora vamos fazer perguntas para saber como a pandemia afetou a sua vida:

40. Você teve COVID-19?

- Sim
- Não
- Não sei

Se sim, qual ano? _____

41. Algum familiar que reside com você teve COVID-19 em **2020**?

- Sim
- Não
- Não sei

42. Durante a pandemia em **2020**, em que intensidade você fez restrição do contato presencial com as pessoas?

- Não fiz restrição de contato presencial, levei vida normal.
- Somente deixei de ir à escola ou ao colégio, mas segui normalmente com outras atividades.
- Procurei tomar cuidados, ficar à distância das pessoas, reduzir um pouco o contato com amigos e não visitar idosos, mas continuei saindo.
- Fiquei rigorosamente em casa, saindo só por necessidade de atendimento à saúde.

43. O que você mais sentiu falta na sua rotina durante a pandemia em **2020**? (Pode marcar mais de uma opção)

- Encontrar o(s) amigos(as)
- Encontrar com namorado (a)
- Encontrar com familiares próximos
- Não poder ir a lugares onde eu me divertia
- Praticar esportes ou atividades físicas
- Não poder ir à escola ou ao colégio
- Senti falta de outras coisas. Descreva: _____
- Não senti falta de nada

44. Marque as experiências positivas durante o período de pandemia em **2020**. (Pode marcar mais de uma opção)

- Ter mais contato com os pais
- Ter mais contato com os irmãos
- Conversar mais com os pais
- Conversar mais com outros familiares
- Fazer as refeições em família mais frequentemente
- Fazer coisas que não tinha tempo de fazer antes.

Descreva: _____

- Ter mais consciência do valor da higienização e cuidado para a prevenção de doenças
- Tive outro tipo de experiência positiva

Descreva: _____

- Não tive experiência positiva

45. Marque as dificuldades que você enfrentou na sua rotina durante a pandemia em **2020**.

(Pode marcar mais de uma opção)

- Ter aulas de ensino a distância
- Não ter aulas
- Ocupar o tempo livre
- Tomar conta de irmãos menores
- Ajudar nos serviços da casa
- Trabalhar fora de casa para ajudar aos familiares
- Desentendimentos com familiares
- Outro tipo de dificuldade.

Descreva: _____

- Não tive dificuldades

46. **Antes da pandemia**, quantas horas por dia você costumava ficar em frente a telas de computador, *tablet* ou celular para entretenimento? (Considere apenas os dias de semana)

- _____
- Não tinha computador, *tablet* ou celular

47. **Durante o período de pandemia em 2020**, quantas horas por dia você costumava ficar em frente a telas de computador, *tablet* ou celular para entretenimento? (Considere apenas os dias de semana)

- _____
- Não tenho computador, *tablet* ou celular

48. **Durante a pandemia em 2020**, no seu tempo livre, o que você fazia com frequência? (Pode marcar mais de uma opção)

- Jogos de videogame/computadores/celulares
- Atividade física
- Estudar
- Ler
- Dormir
- Escutar música
- Tocar algum instrumento musical
- Assistir filmes e séries
- Assistir YouTube ou transmissões ao vivo
- Sair de casa para fazer atividades externas
- Sair com os amigos
- Ajudar em atividades domésticas
- Pintar
- Desenhar
- Conversar com os amigos nas redes sociais
- Usar redes sociais para conversar com desconhecidos
- Outra atividade. Descreva: _____

49. Quais atividades/atitudes/comportamentos desenvolvidos durante a pandemia em 2020 você manteve em sua vida?

50. Qual a sua opinião sobre a importância de aderir ao distanciamento social em **2020**?

- Concordo. Acho importante colaborar para a não disseminação do Coronavírus.
- Discordo. Acho que por não fazer parte do grupo de risco deveria continuar normalmente minhas atividades.
- Concordo parcialmente. Acho que deveria reduzir apenas algumas atividades.
- Para mim é indiferente.
- Outro. Descreva: _____

APÊNDICE D

Características sociodemográficas das famílias dos adolescentes em 2020

Manifestação do adolescente	n (%)
Gênero	
Feminino	65 (61,3)
Masculino	35 (33)
Não declarado	6 (5,7)
Idade	
13 anos	3 (2,8)
14 anos	53 (50)
15 anos	50 (47,3)
Cor declarada	
Nenhuma resposta	13 (12,3)
Branca	75 (70,8)
Pardo	14 (13,2)
Negra	3 (2,8)
Amarelo	1 (0,9)
Colégio	
Colégio Privado	39 (36,8)
Colégio Público Militar	30 (28,3)
Escola Pública Estadual	37 (34,9)
Celular	
Sim	104 (98,1)
Não	2 (1,9)
Computador	
Sim	88 (83)
Não	18 (17)
Acesso à internet <i>wi-fi</i>	
Sim	103 (97,2)
Não	3 (2,28)
Acesso à dados móveis de internet	
Sim	84 (79,2)
Não	22 (20,8)
Dificuldades financeiras antes da pandemia	
Sim	13 (12,3)
Não	75 (70,7)
Não sabia	13 (12,3)
Não quis informar	5 (4,7)
Dificuldades financeiras	
Sim	26 (24,5)
Não	61 (57,5)
Não sabia	14 (13,2)
Não quis informar	5 (4,7)
Escolaridade do pai/responsável	
Não concluiu o Ensino Fundamental	9 (8,5)
Ensino Fundamental concluído	9 (8,5)

Ensino Médio concluído	32 (30,2)
Ensino Superior Concluído	27 (25,5)
Pós-Graduação concluída	17 (16)
Não sabia	12 (11,3)
Escolaridade da mãe/responsável	
Não concluiu o Ensino Fundamental	5 (4,7)
Ensino Fundamental concluído	4 (3,8)
Ensino Médio concluído	35 (33)
Ensino Superior concluído	23 (21,7)
Pós-Graduação concluída	26 (24,5)
Não sabia	13 (12,3)

Fonte: Autores, 2022.

ANEXO

ANEXO A
PARECER CEPUNIVERSIDADE DO PLANALTO
CATARINENSE - UNIPLAC

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: SOCIALIZAÇÃO DE ADOLESCENTES: ambiente escolar e pandemia COVID-19

Pesquisador: VIVIANE MILBRADT BASTOS

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 58222522.8.0000.5368

Instituição Proponente: Universidade do Planalto Catarinense - UNIPLAC

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCACAO

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.399.466

Apresentação do Projeto:

O projeto intitulado "SOCIALIZAÇÃO DE ADOLESCENTES: ambiente escolar e pandemia COVID-19" corresponde a uma pesquisa de Mestrado em Ambiente e Saúde.

Desenho:

O estudo será do tipo descritivo, transversal, com abordagem quantitativa e coleta de dados em três ambientes escolares localizadas no município de Lages, SC, que consiste em um colégio privado, uma escola pública e um colégio público militar. Os participantes deste estudo são todos os adolescentes com 13 a 15 anos de idade no ano de 2020 e que estavam matriculados no 9º ano do Ensino Fundamental dos três ambientes escolares do município de Lages, SC e que atenderem os critérios de inclusão. Será necessário que um dos responsáveis pelo adolescente aceite de forma voluntária a participação do adolescente no estudo, concordando com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O instrumento de coleta de dados quantitativos será aplicado na forma de questionário estruturado (on-line) a todos os participantes do estudo que atendam os critérios de inclusão. Primeiramente, o pesquisador enviará por meio de mídia social aos responsáveis pelos participantes o TCLE, contendo todos os objetivos do mesmo, como será a metodologia de coleta dos dados, os riscos e benefícios que serão obtidos pelo desenvolvimento do estudo. Após o consentimento do responsável pelo participante através do aceite do TCLE, será enviado ao adolescente o questionário on-line por meio de e-mail, WhatsApp entre outros, garantindo a privacidade e assentimento do participante. Caso de algum participante não tiver o

Endereço: Av. Castelo Branco, 170 - Prédio da Reitoria - 2º andar, sala 10

Bairro: Universitário

CEP: 88.509-900

UF: SC

Município: LAGES

Telefone: (49)3251-1088

E-mail: cep@unipladages.edu.br

UNIVERSIDADE DO PLANALTO
CATARINENSE - UNIPLAC



Continuação do Protocolo: 5.399-455

acesso à Internet, o TCLE e o questionário serão disponibilizados no formato impresso que será entregue no ambiente escolar, para que o mesmo responda as questões em local privado, respeitando o protocolo de segurança à saúde devido a pandemia COVID-19. Estima-se que a duração de aplicação do questionário será de 30 minutos. Na possibilidade da superação da pandemia, por ocasião da aplicação do questionário, será dada a preferência de coleta de dados no formato presencial seguindo o protocolo de distanciamento social.”

Objetivo da Pesquisa:

Os objetivos da pesquisa são:

*Objetivo Primário:

Caracterizar Impactos da pandemia COVID-19 na socialização de adolescentes em ambiente escolar no município de Lages, SC.

Objetivo Secundário:

- Levantar características sociodemográficas das famílias dos adolescentes selecionados para o estudo;
- Identificar as formas e estratégias de comunicação dos adolescentes para a socialização em face à pandemia COVID-19;
- Verificar o apoio/participação da família na socialização dos adolescentes durante a pandemia COVID-19;
- Comparar a socialização dos adolescentes em diferentes ambientes escolares no município de Lages, SC;
- Avaliar se as características sociodemográficas interferem na socialização de adolescentes.”

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos e os benefícios são descritos da seguinte forma:

*Riscos:

Com relação aos possíveis riscos associados ao desenvolvimento desta pesquisa, os princípios éticos estão em consonância com a Resolução nº 510 e seus artigos, parágrafos e Incisos, mantendo a observância na condução da coleta de informações conforme prevê as resoluções vigentes e com o OFÍCIO CIRCULAR Nº 2/2021/CONEP/SECNS/MS.

Caso houver qualquer dano ou eminência de risco a integridade física ou psicológica será oferecida assistência imediata e gratuita ao participante. Perante o questionário, os participantes da pesquisa podem apresentar algum tipo de desconforto emocional relacionado às perguntas, as quais podem ocasionar abalo físico e emocional, manifestação de sentimentos e emoções

Endereço: Av. Castelo Branco, 170 - Prédio da Reitoria - 2º andar, sala 10

Bairro: Universitário

CEP: 88.500-000

UF: SC

Município: LAGES

Telefone: (49)3251-1088

E-mail: cep@uniplaclages.edu.br

UNIVERSIDADE DO PLANALTO
CATARINENSE - UNIPLAC



Continuação do Parecer: 5.399-455

diversos, como, constrangimento, agressividade, angústia, empatia, frustração, entre outros. Caso isso ocorra, os pesquisadores contam com o apoio do serviço de psicologia da Clínica Escola da UNIPLAC no município de Lages, SC para atender a qualquer eventualidade vinculada a pesquisa, cujo atendimento será gratuito, além do apoio e atenção prestados pelo pesquisador durante o processo. Mesmo depois de assinados o TCLE e o Termo de Assentimento, o participante continua com o direito de pleitear indenização por reparação de danos que apresente nexos causal com a pesquisa.

Benefícios:

Os principais benefícios da pesquisa será a contribuição para a ampliação do conhecimento sobre o tema, além de possibilitar reflexões sobre as ações e as estratégias que podem ser adotadas no âmbito escolar e familiar para minimizar os problemas relacionados à socialização e saúde mental dos adolescentes.”

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Vide item “Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações”.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Vide item “Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações”.

Recomendações:

Vide item “Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações”.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Conclui-se pela aprovação do projeto.

Considerações Finais a critério do CEP:

O desenvolvimento da pesquisa, deve seguir os fundamentos, metodologia e preposições, do modo em que foram apresentados e avaliados por este CEP, qualquer alteração, deve ser imediatamente informada ao CEP-UNIPLAC, acompanhada de justificativa.

O pesquisador deverá observar e cumprir os itens relacionados abaixo, conforme descrito na Resolução nº 456/2012.

- a) Desenvolver o projeto conforme delineado;
- b) Elaborar e anexar na Plataforma Brasil os relatórios parcial e final;
- c) Apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela CONEP a qualquer momento;
- d) Manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período de 5 anos após o término da pesquisa;

Endereço: Av. Castelo Branco, 170 - Prédio da Reitoria - 2º andar, sala 10
 Bairro: Universitário CEP: 68.500-000
 UF: SC Município: LAGES
 Telefone: (49)3251-1088 E-mail: cep@uniplaclages.edu.br

**UNIVERSIDADE DO PLANALTO
CATARINENSE - UNIPLAC**



Continuação do Parecer: 5.399.408

- e) Encaminhar os resultados da pesquisa para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico integrante do projeto; e
- f) Justificar fundamentalmente, perante o CEP ou a CONEP, interrupção do projeto ou a não publicação dos resultados.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1886887.pdf	27/04/2022 20:01:22		Acelto
Declaração de concordância	CONCORDANCIA.pdf	27/04/2022 19:54:36	VIVIANE MILBRADT BASTOS	Acelto
Outros	CONCORDANCIA_2.pdf	27/04/2022 19:52:37	VIVIANE MILBRADT BASTOS	Acelto
TCE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	ASSENTIMENTO.pdf	26/04/2022 22:10:35	VIVIANE MILBRADT BASTOS	Acelto
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO.pdf	26/04/2022 22:09:17	VIVIANE MILBRADT BASTOS	Acelto
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	26/04/2022 21:56:49	VIVIANE MILBRADT BASTOS	Acelto
Orçamento	ORCAMENTO.pdf	26/04/2022 21:39:59	VIVIANE MILBRADT BASTOS	Acelto
Outros	QUESTIONARIO.pdf	12/04/2022 20:12:05	VIVIANE MILBRADT BASTOS	Acelto
TCE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCE.pdf	12/04/2022 19:59:38	VIVIANE MILBRADT BASTOS	Acelto
Folha de Rosto	FOLHA_ROSTO.pdf	09/04/2022 09:48:50	VIVIANE MILBRADT BASTOS	Acelto
Declaração de Pesquisadores	PESQUISADORES.pdf	05/04/2022 21:07:29	VIVIANE MILBRADT BASTOS	Acelto

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Av. Castelo Branco, 170 - Prédio da Reitoria - 2º andar, sala 10

Bairro: Universitário

CEP: 88.500-900

UF: SC

Município: LAGES

Telefone: (40)3251-1088

E-mail: cep@uniplacages.edu.br

UNIVERSIDADE DO PLANALTO
CATARINENSE - UNIPLAC



Continuação do Parecer: 5.399.456

LAGES, 10 de Maio de 2022

Assinado por:

Elisa Maria Rodriguez Pazinato Teill
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Castelo Branco, 170 - Prédio da Reitoria - 2º andar, sala 10

Bairro: Universitário

CEP: 88.500-900

UF: SC

Município: LAGES

Telefone: (49)3251-1088

E-mail: cep@uniplacdegas.edu.br